

REVISTA **Bzzz**



ANO 4 | Nº 49 | JULHO DE 2017 | R\$ 12,00

VIDA NO MAR

Casal potiguar que deixou a vida empresarial para viver velejando

CORDILHEIRA DOS ANDES

Travessia da Argentina ao Chile

CANGAÇO

Curiosidades sobre a invasão e a derrota de Lampião em Mossoró

CLARA CAMARÃO

Quem é a personagem do RN que está no livro de heróis e heroínas da Pátria

RUA JUNDIAÍ

Os traços da via que pode ser a mais bela de Natal

EUTANÁSIA

ASSASSINATO OU LIBERTAÇÃO? A DISCUSSÃO DO POLÊMICO TEMA SEGUE ADORMECIDA NO BRASIL. RELIGIÃO, POLÍTICA E MEDICINA, CADA ÁREA COM A SUA VISÃO, COMENTAM O ASSUNTO

25 ANOS MOVIDOS A DESIGN

PARA NÓS, DESIGN É MAIS QUE BELEZA. É PODER COMUNICAR POR MEIO DA FORMA. POR ISSO, CHAMAMOS O DESIGNER PETER SCHREYER PARA CRIAR OS CARROS MAIS BONITOS QUE VOCÊ JÁ VIU.

400 MIL CARROS VENDIDOS NO BRASIL.



kia.com.br • 0800 77 11011

COMO SEMPRE ACREDITAMOS
NO BRASIL, ESTAMOS PRONTOS
PARA OS PRÓXIMOS 25 ANOS



MOVIDOS A INOVAÇÃO

JÁ NASCEMOS INQUIETOS. SEMPRE BUSCAMOS A DIREÇÃO OPOSTA. FOI COM A INOVAÇÃO NO DNA QUE A KIA SE TORNOU A PRIMEIRA MONTADORA A OFERECER APENAS CARROS COMPLETOS.

73 MIL ITENS DE PEÇAS DE REPOSIÇÃO EM ESTOQUE.



MOVIDOS A SUPERAÇÃO

NUNCA PROCURAMOS RESPOSTAS FÁCEIS. SEMPRE TRANSFORMAMOS DIFICULDADES EM OPORTUNIDADES. FOI ASSIM QUE A KIA CHEGOU DESCONHECIDA AO BRASIL E LOGO SE DESTACOU.

A MAIOR IMPORTADORA DE VEÍCULOS DO BRASIL¹, COM O MAIOR NÚMERO DE EMPREGOS GERADOS.



R\$ 25 BILHÕES² EM IMPOSTOS RECOLHIDOS.

1. VALOR CORRIGIDO PELO SELIC. 2. ENTRE AS IMPORTADORAS, SEM FÁBRICA, DESDE 1992.



COM NOVOS
LANÇAMENTOS

Visite nosso site de 25 anos: kia25anos.com.br

A DUNAS FAZ PARTE
DESSA HISTÓRIA,
LEVANDO TODA
A QUALIDADE E
CONFIANÇA KIA PARA
NATAL, MOSSORÓ
E JOÃO PESSOA.



NATAL - AV. PRUD. DE MORAIS, 4666 - TEL.: (84) 4009.9000
MOSSORÓ - AV. PRES. DUTRA, 2002 - TEL.: (84) 3312.0300
JOÃO PESSOA - ESTRADA DE CABEDELÓ, 1102 - TEL.: (83) 3219.5200

PELA VIDA, ESCOLHA
O TRÂNSITO SEGURO.



The Power to Surprise

'QUANDO' NEM SEMPRE É OPÇÃO

TODOS OS DIAS, ESCOLHAS são postas à frente. Não escolher quase sempre (não) é uma opção. Aonde ir, com quem conviver, que roupa vestir, acabar e começar relacionamentos, viver em uma nova cidade. E aí, entre as tantas que não se pode escolher, morrer é uma delas. Ao dizer isso, falamos do que é aceito, o que exclui a polêmica questão do suicídio. Falamos de eutanásia, termo também bastante polêmico e sobre o qual formação de consenso é uma palavra distante.

O assunto de capa tem como significado a conduta pela qual se traz a um paciente em estado terminal, ou portador de enfermidade incurável que esteja em sofrimento constante, uma morte rápida e sem dor. É prevista em lei, no Brasil, como crime de homicídio. De acordo com a atividade desempenhada - médica, jurídica, religiosa - a visão sobre a eutanásia encontra seus argumentos. Na matéria de Leonardo Dantas, procuramos o maior número de visões e conhecimentos sobre o tema na busca por uma formação crítica e reflexiva, sem julgamentos. Afinal, a discussão, no âmbito brasileiro, não tem caminhado nos passos da seriedade que ela exige.

Especialmente nesta edição, sobre vida e morte falamos. Em relação ao segundo ponto, é triste ver a quantidade de vezes nas quais óbitos poderiam ser evitados. Entre grandes causadores, o trânsito e os seus acidentes cujas consequências difíceis seriam facilmente não vividas caso as posturas de motoristas fossem outras, também é tema de matéria que mostra a campanha educativa em busca de mudanças comportamentais pelo choque de realidade.

Sobre vida, há muito por aqui. E vamos falar sobre de diferentes formas. Uma de grande destaque é a matéria sobre doação de órgãos no Rio Grande do Norte. E na resistência coletiva, o resgate da invasão de Lampião à cidade de Mossoró - são tantas curiosidades que fica fácil entender o fascínio que o episódio desperta década a década. E também: as fortalezas humanas Clara Camarão e Cora Coralina; turismo na Cordilheira dos Andes; a moda de Juraci Lira; o charme do veludo na decoração e tantas coisas mais que, estamos certos e certas, potiguares gostam de acompanhar.

Alice Lima
editora-assistente

EXPEDIENTE



PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaaabelhinha.com.br
@revistabzzz
Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA, CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
ANNA KARLA FONTES, ANA PAULA CARDOSO, CAMILA PIMENTEL, CÍCERO OLIVEIRA, LEONARDO DANTAS, MIRELLA LOPES, NICOLE BIGGI LEMES, OCTAVIO SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA, THEMIS LIMA, VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
MIKE KNEIC / FLICKR.COM

FOTOS
CÍCERO OLIVEIRA, JOÃO GILBERTO, JOÃO NETO, LUCIANO LEYS, PAULO LIMA, PAULO OLIVEIRA

GRÁFICA
IMPRESSÃO

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

TRINTONA
CRIATIVA VENDEDORA
EFICIENTE PREPARADA
(((CONECTADA))) LIGADA NO 220

Aos trinta, você pode ser o que quiser,
com muito mais segurança.
Experiência e criatividade são
importantes pra sua marca ou empresa?
Faça publicidade com uma agência
trintona e bem resolvida.



Publicidade bem resolvida pra você

fazpro.com.br |



24

Poesia de ser

Museu Cora Coralina, em Goiás



36

Trânsito

Campanha educativa com choque de realidade

76

Doação de vida

Campanha da ALRN busca desmitificar e incentivar doação de órgãos



78

JURACI LIRA

Moda potiguar nos grandes salões mundiais



66 JAGUAR

Estreia em alto nível



92

Festa

Em São Miguel do Gostoso, o sucesso do São Pedro da Colmeia

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

SIMPLES: Hospital do Coração.

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração. Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

HOSPITAL DO CORAÇÃO
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br



ELIANA LIMA



BOLÃO

No Planalto Central, já há especulações sobre quem integraria o primeiro escalão da possível gestão do presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (Democratas). No balcão de apostas, o deputado federal potiguar Felipe Maia, do seu partido, aparece bem cotado.



Divulgação

PLANO B

Da região potiguar do Seridó, chega a informação de que o vice-prefeito de Natal, Álvaro Dias (PMDB), começou a articular o seu retorno à Assembleia Legislativa em 2019. A movimentação do parlamentar pode confirmar a não renúncia do prefeito Carlos Eduardo Alves (PDT) para concorrer a qualquer cargo em 2018.



Divulgação

SONDAGEM

A senadora Fátima Bezerra (PT) já está em campo fazendo costuras para 2018. Até o momento, é candidatíssima ao governo do Rio Grande do Norte. Para tanto, tem sondado nomes para acompanhá-la na chapa, tipo vice. Uma das investidas aconteceu à vereadora de Natal Eudiane Macedo (Solidariedade).



Divulgação

Elpidio Júnior

TRAMPOLIM

Pelo menos sete vereadores de Natal estão dispostos a alçar voos maiores no próximo ano. São eles: Natália Bonavides (PT), Sueldo Medeiros (PHS), Nina Souza (PEN), Franklin Capistrano (PSB), Carla Dickson (PROS) e Ubaldo Fernandes (PMDB).



OLHAÍ

Nos corredores da Câmara dos Deputados, corre que parlamentar com sotaque potiguar está ganhando fama de assediar moralmente funcionários. As palavras usadas entre as paredes do seu gabinete causaram espanto até em Baretá, acostumados aos mais diversos.

NOTA

E a perguntar que muitos fazem, nos escaninhos dos corredores: onde está o respeito ao ser humano? Viiixeee...

RECORRÊNCIA

O ambiente de assédio moral na Câmara dos Deputados, aliás, é tão grave que já teve parlamentar paulista que dia desses jogou nada menos que um grampeador na direção da secretária. E uma ex-deputada capixaba chegou a agredir fisicamente a secretária.



COMPLICADO

Nessa onda de parlamentar do mal, tem os que exploram, inclusive, assessor de imprensa. Um convocou o jornalista para cobrir evento político em seu estado e o profissional teve que arcar com vários custos, como gasolina e alimentação.



MODELOS

Principalmente quando são parlamentares que moram em estados próximos a Brasília (DF), como Minas Gerais e Goiás.



Barbárie X Civilização no País de Mossoró

O que deu errado no ataque do bando de Lampião a Mossoró? Pesquisador aponta o poder de informação como fator determinante na resistência da cidade à tentativa de invasão pelos cangaceiros mais temidos do Nordeste

Por Ana Paula Cardoso
Fotos: Divulgação e Luciano Lelys



Bando de Lampião que atacou Mossoró em foto feita em Limoeiro (Ceará) três dias antes

O MUNICÍPIO DE MOSSORÓ, encravado no interior do Rio Grande do Norte, conseguiu na primeira metade do século XX realizar o feito que marcaria sua História. No dia 13 de junho de 1927, a cidade se armou e resistiu à invasão do grupo liderado pelo bandido mais temido do Nordeste à época - o cangaceiro Lampião. O fato é considerado um marco na trajetória do bando e até mesmo na luta contra o cangaceirismo. Mas, o que fez com que os mossoroenses vencessem os jagunços?

Para entender as particularidades e fatores que fizeram com que o município do Oeste potiguar saísse vitorioso diante do ataque de tão temida quadrilha, entrevistamos o historiador e escritor Marcílio Falcão, professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern) e membro da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço.



Historiador Marcílio Falcão explica o contexto do confronto

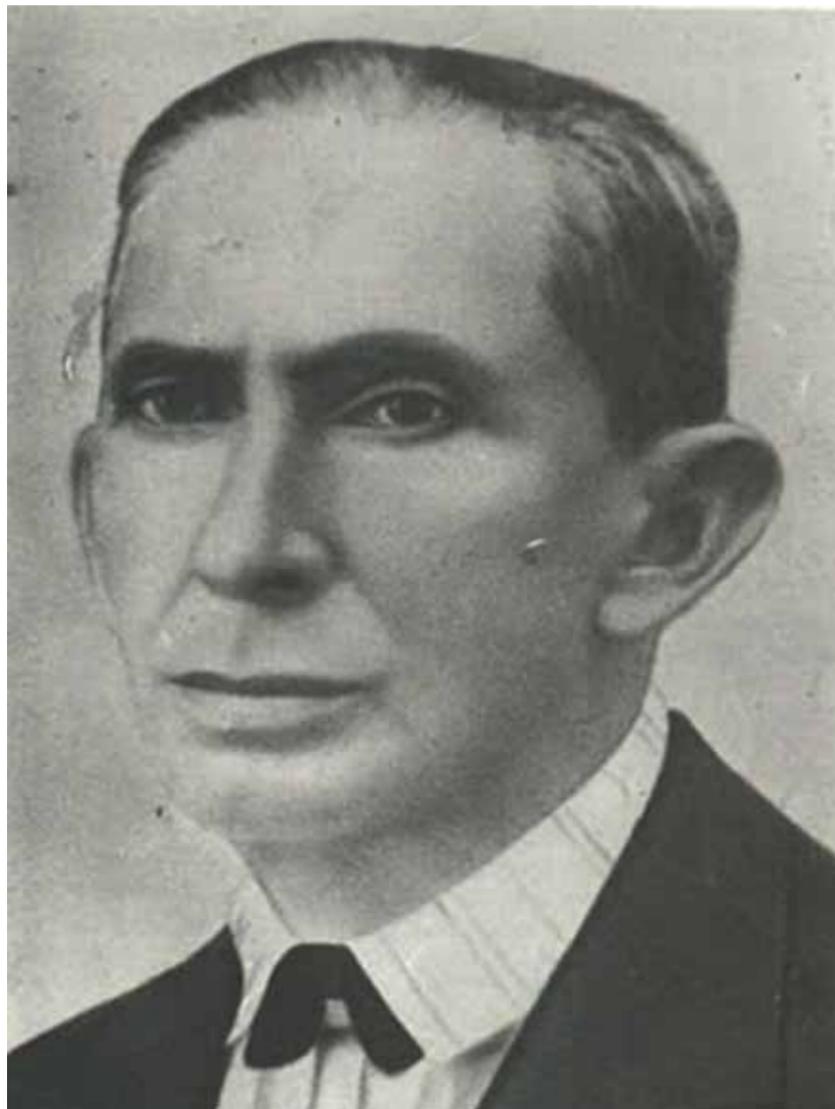
Como nasce uma resistência

Para começar, é preciso entender por que Lampião resolveu atacar Mossoró. Na década de 1920, a “terra de Santa Luzia” diferia do perfil de municípios invadidos pelo bando de cangaceiros, que eram cidades de menor porte, distantes do litoral e com pouca infraestrutura de policiamento.

À época, Mossoró possuía uma população média de 20 mil pessoas, considerada grande se comparada às demais no interior dos estados. No entanto, tão elevados quanto eram os riscos também poderiam ser os lucros ao se saquear a cidade, que possuía banco, linha férrea e comércio aquecido pelo ciclo do algodão. Sendo assim, o que levou Lampião a atacar Mossoró foi o fator econômico.

Como sabido e registrado na História, porém, os cangaceiros não conseguiram saquear a cidade, que, destaca o professor Marcílio Falcão, conseguiu organizar defesa contra o bando de Lampião graças ao poder da informação.

“Para entender o porquê de o ataque não ter sido vitorioso é preciso pensar sob outra ótica. Não foi Lampião que atacou Mossoró, foi a cidade que esperou e se preparou para o ataque dos cangaceiros. Sem dúvidas, foi muito importante o fato de a cidade saber do ataque com mais de um mês de antecedência. Houve tem-



Rodolfo Fernandes, então prefeito de Mossoró, comandou a resistência

po para a preparação. As autoridades locais puderam organizar a defesa”, conta.

Marcílio Falcão explica que, no período em que o ataque a Mossoró já era sabido, Rodolfo Fernandes, então prefeito, conseguiu aprovar na Câmara de

Vereadores a criação da Guarda Municipal, comprou armas com a ajuda de comerciantes e montou o esquema de trincheiras pela cidade junto às autoridades policiais. Tudo isso exigiu estratégia e levou tempo, que Mossoró teve graças ao vazamento da

informação sobre a invasão programada por Lampião.

“O historiador Raimundo Nonato diz que no início de maio um representante de empresa mossoroense enviou ao prefeito Rodolfo Fernandes uma carta com comentários da presença de Lampião na região e a possibilidade de ataque. Quando você olha a organização dos cangaceiros, percebe que há uma possibilidade de a invasão ter sido planejada com mais tempo. O problema é que, em determinado momento da estruturação do plano, houve um vazamento de informação. E, nesse intervalo de maio a junho, as autoridades começaram a pensar na organização de uma possível defesa contra os invasores”, detalha o Marcílio Falcão.

Outro elemento importan-

te para o sucesso da defesa mossoroense foi o mapeamento do rastro de Lampião feito pela imprensa local. Mossoró dispunha então de três jornais, linha férrea e telégrafo. Era “uma cidade com ares de modernidade”. Os jornais fizeram o rastreamento do bando, noticiando por onde ele havia passado.

“O que deu errado foi a própria forma do ataque. Como é que as autoridades mossoroenses ficaram sabendo da vinda de Lampião a Mossoró com antecedência se o perfil daquele grupo era: primeiro, a rapidez; segundo, ninguém sabia, era de súbito? Um ataque rápido, sem que saibam, é mais difícil que possibilite defesa. Os cangaceiros invadiam as cidades sem aviso prévio. A invasão não podia ser negociada”.

“

O que deu errado foi a própria forma do ataque. Como é que as autoridades mossoroenses ficaram sabendo da vinda de Lampião a Mossoró com antecedência se o perfil daquele grupo era: primeiro, a rapidez; segundo, ninguém sabia, era de súbito? Um ataque rápido, sem que saibam, é mais difícil que possibilite defesa. Os cangaceiros invadiam as cidades sem aviso prévio. A invasão não podia ser negociada.”

Marcílio Falcão,
historiador



Trincheira da resistência, em Mossoró



do e escapou. Porém, sabendo que não teria condições de seguir a rota de fuga, o criminoso teria pedido aos comparsas que o matassem no caminho, pois seria melhor morrer ali do que nas mãos dos “macacos do governo”, como os cangaceiros chamavam os policiais.

Historiadores, porém, divergem quanto à identidade do cangaceiro que pediu para ser morto durante a fuga. Alguns pesquisadores defendem que o cangaceiro que recebeu o tiro de misericórdia não foi o Menino de Ouro, como pregam as lendas populares, mas Dois de Ouro, integrante do bando de Massilon.

“

Lampião sabia da defesa? É claro que ele sabia. Do contrário, todos os cangaceiros teriam sido mortos.”

Marcílio Falcão,
historiador

Resistência à resistência

Quando o bando de Lampião chegou, o centro da cidade estava fechado, grande parte da população havia fugido por meio da linha férrea e os poucos mossoroenses que se prontificaram na defesa já estavam a postos. Entretanto, destaca Marcílio Falcão, da mesma forma que Mossoró sabia do ataque dos cangaceiros, Lampião sabia da preparação da defesa de Mossoró, e montou

uma estratégia.

“Lampião sabia da defesa? É claro que ele sabia. Do contrário, todos os cangaceiros teriam sido mortos. Existia uma estratégia. O bando se dividiu em dois grupos: enquanto um ficava na retaguarda, o outro atacava justamente a área em frente à casa do prefeito, que seria, caso conseguissem transpor as trincheiras de sacas de algodão, o melhor refém possível”

Na batalha do dia 13 de junho de 1927, em frente à Igreja São Vicente, apenas o cangaceiro Colchete morreu. Não houve baixas do lado mossoroense. Já o célebre cangaceiro Jararaca foi baleado, capturado e assassinado pela polícia da cidade dias após a batalha da resistência.

Há ainda relatos de que outro integrante do bando de Lampião teria sido gravemente balea-



A saga de Jararaca

O cangaceiro José de Leite Santana, conhecido como Jararaca, um dos mais temidos do bando, foi ferido no confronto com a trincheira montada em frente à Igreja São Vicente e a casa do prefeito Rodolfo Fernandes. Jararaca foi capturado e morto pela polícia em Mossoró.

Jararaca foi baleado no lado direito do peito, tendo a bala perfurado seu pulmão, e na perna esquerda. No entanto, mesmo ferido gravemente, o temido criminoso conseguiu fugir da zona de confronto. No dia seguinte à batalha, já na área do bairro Alto da Conceição, Jararaca pediu ajuda ao comerciante Pedro Tomé para arranjar água, sal, pimenta malagueta e um cano de mamoeiro, com os quais pretendia lavar e tratar as feridas.

Assustado, Pedro Tomé levou a polícia até onde Jararaca estava ferido. Sem forças, o cangaceiro não ofereceu resistência à prisão e foi levado para a Cadeia Pública de Mossoró, onde hoje funciona o Museu Municipal Lauro da Escóssia. Jararaca passou quatro dias preso. Na cadeia, concedeu entrevista exclusiva ao jornalista Lauro da Escóssia, o mesmo que dá nome ao museu, do jornal O Mossoroense, antes mesmo de prestar depoimento à polícia.



Jararaca preso em Mossoró

A entrevista de Jararaca foi publicada pelo jornal O Mossoroense no dia 19 de junho, mesma data em que, sem que a cidade soubesse, o cangaceiro foi assassinado pela polícia. A edição, até hoje, foi a de maior tiragem da história do jornal, com 5.400 exemplares.

Apesar dos ferimentos, como relatou Lauro da Escóssia, Jararaca dava sinais de que iria recuperar-se. Diante da possibilidade de o cangaceiro sobreviver, a polícia então orquestrou plano para livrar-se do indesejado bandido: afirmando uma suposta transferência para um presídio em Natal, Jararaca foi levado da cadeia por oficiais à meia-noite do dia 18 de junho. O automóvel, todavia, em vez de seguir para a capital potiguar, parou em frente ao Cemitério São Sebastião, onde uma cova aberta já esperava o integrante do bando de Lampião.

Jararaca foi morto a golpe de facada na madrugada do dia 19 de junho, dentro do próprio cemitério, à beira da cova, sem direito a julgamento. O fato até hoje é envolto em lendas, como as que dizem que o cangaceiro foi obrigado a cavar a própria cova e de que, antes da morte, teria rogado por Nossa Senhora. Tudo sem comprovação. Esses dois mitos em relação à morte do cangaceiro fizeram com que ele se transformasse em uma espécie de “santo”, com pessoas fazendo preces, acendendo velas e enfeitando seu túmulo, o mais visitado do cemitério, todos os anos.

Inocentado 90 anos depois

No dia 09 de junho de 2017, quase 90 anos após o ataque do bando de Lampião a Mossoró, a Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço (SBEC) realizou júri simulado para julgar Jararaca. Por seis votos a um, o cangaceiro foi considerado inocente.

O advogado Honório de Medeiros foi responsável, no júri simulado, pela defesa de Jararaca. Mas, como compreender que um dos criminosos mais temidos do bando de Lampião acabou sendo inocentado? Para Honório, Jararaca foi um grande desafio, ainda mais decorrente do fato de o advogado ser da família Fernandes, do então prefeito que articulou a expulsão do bando.

“Também foi uma tarefa hercúlea defender um bandido notório tal qual Jararaca contra um nome de expressão nacional, como o é Diógenes da Cunha Lima, que atuou como promotor, acusando o meu ‘cliente’”, conta Honório. So-

bre como conseguiu fazer com que um dos criminosos famosos fosse inocentado, o advogado detalha a estratégia de defesa adotada:

“Foi uma espécie de coup de grâce, digamos assim. Deixei de lado o óbvio, que seria colocar Jararaca como vítima de suas cir-

constâncias, apesar de ter falado exaustivamente acerca disso, e lembrei ao júri que era possível considerar que ele tinha sido preso, julgado, condenado e executado pelo Estado na noite de sua morte, já que tudo isso aconteceu quando estava nas mãos da polícia. Se assim o foi, não era possível, então, julgá-lo novamente, principalmente se levássemos em conta que nós, aquele

“
Ninguém podia ser julgado, condenado e executado duas vezes pelo mesmo crime. Restava-nos compreendê-lo e perdoá-lo, vez que sua pena já tinha sido paga, e de forma absurdamente cruel.”

Honório de Medeiros, advogado responsável pela defesa de Jararaca

Tribunal que ali estava também era o Estado. Ninguém podia ser julgado, condenado e executado duas vezes pelo mesmo crime. Restava-nos compreendê-lo e perdoá-lo, vez que sua pena já tinha sido paga, e de forma absurdamente cruel”.

Onde Lampião ficou durante o ataque

Questionado sobre onde teria ficado Lampião durante o ataque, Marcílio Falcão considera que, mais que pensar nas posições e no próprio confronto armado, a história da resistência mossoroense é um confronto entre dois modos de vida.

“O ataque de Lampião não era sobre as pessoas que estavam nas trincheiras, ou quem estava aqui, ou quem atirou. Não é necessário dizer que as pessoas estavam em suas posições. A história do ataque de Lampião a Mossoró é pensar em dois tipos e em dois lugares distintos que estavam se confrontando. O ataque não foi Lampião x Mossoró. O ataque foi barbárie x civilização”



Marcílio Falcão, historiador



Maria Bonita e Lampião entre dois cangaceiros

Chuva de balas no país de Mossoró

A fascinante história é contada todos os anos no espetáculo “Chuva de Bala no País de Mossoró”, durante o mês de junho, dentro da programação do Mossoró Cidade Junina. Para retratar com fidelidade o acontecimento, o cenário é exatamente a Capela São Vicente, mesmo local da batalha travada entre o povo de Mossoró e os cangaceiros, que ainda guarda as marcas de balas do confronto.

O teatro a céu aberto é produzido desde 2003, com elenco de atores mossoroenses, e dramatiza os principais atos do confronto. Além dos 55 atores em palco, o espetáculo tem a participação de crianças do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti). Todos se revezam no palco de 510 m².



Luciano Lellys/Secom/Prefeitura de Mossoró



Da Terra de Poti à memória do Brasil, a heroína sobre a qual pouco se sabe está nas páginas do Livro de Aço Heróis e Heroínas da Pátria

Clara Camarão

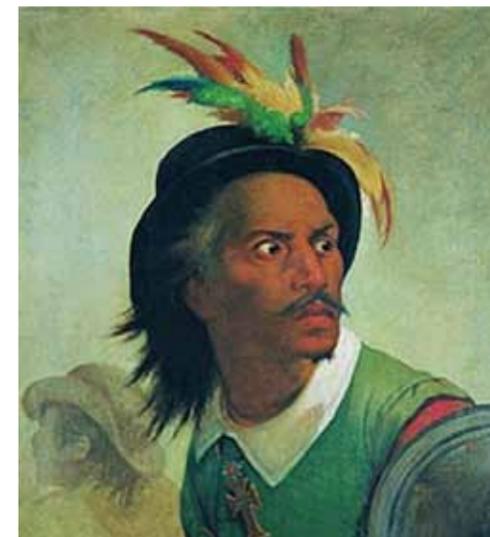
Por Mirella Lopes



VOCÊ QUE ESTÁ COM a revista nas mãos, já ouviu falar em Clara Camarão? Para Luciana Reinaldo, que trabalha como diarista, o nome é bem familiar. “É uma creche que tem lá na Jaguarari (avenida). De vez em quando eu passo em frente”.

O nome é bem conhecido, mas de fontes oficiais pouco se sabe sobre Clara Camarão. Índia potiguar, catequizada pelos padres jesuítas, ela teria nascido na região de Igapó, em Natal, e participado junto com o marido, Felipe Camarão, ou índio Poti, das batalhas para expulsar os holandeses do Nordeste.

Pois é, mas nem esse relato mais popular sobre a vida de Clara pode ser comprovado com documentação. No entanto, o professor, poeta e presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Diógenes da Cunha Lima, conta que não há dúvidas sobre a origem e atuação dessa mulher.



Felipe Camarão ou índio Poti

“Não há registro do seu nascimento ou morte, mas Clara viveu na região de Igapó e recebeu esse nome depois de ser batizada e casar com Felipe Camarão, recebendo o sobrenome do marido. Os dois juntos quebraram as regras da tribo. Ele abriu mão de ter várias mulheres para ficar só com Clara. Ela, por sua vez, participou de várias batalhas, o que na tradição indígena era função apenas masculina”, conta.

Prova disso estaria nos relatos de Abreu e Lima, um militar, político e escritor que participou das guerras de independência da América espanhola. “Ele diz que ela não podia lutar ao lado do marido, mas na batalha dos Guararapes ela esteve exatamente lá. Também há outros depoimentos destacando a capacidade de luta de Clara”, defende Cunha Lima.

Polêmica não falta em torno da personagem. Alguns a chamam de heroína, outros dizem que ela foi a primeira feminista da nossa história e tem até estados vizinhos reivindicando a origem do nascimento da companheira de Felipe Camarão.

Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), PhD pela Universidade Johns Hopkins, Carmen Alveal explica que muitas vezes não há citação sequer a Felipe Camarão pelos autores locais. “Ele vai se sobressair numa guerra que atinge o Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, mas o palco principal é Pernambuco. Por isso, ele aparece tanto na literatura de lá.”



Carmen Alveal, professora do departamento de História da UFRN

Oficialmente, há certeza apenas da origem de Felipe, que teria nascido numa aldeia onde hoje fica Igapó. Há relatos feitos por cronistas holandeses, mas não documentação. “Todo esse levantamento é algo a ser feito”, pondera a professora.

Na publicação *As heroínas do Brasil*, Clara Camarão aparece como uma pernambucana ilustre na Batalha dos Guararapes, em 1654. A luta durou dias, foi quando os portugueses retomaram o controle de Pernambuco. Um dos relatos em relação à atuação de Clara se refere ao episódio que ficou conhecido como “As Heroínas de Tejucupapo”, onde hoje é a cidade pernambucana de Goiana, e onde funcionava um engenho, à época Capitania de Itamaracá.

“Os portugueses aliados aos indígenas foram lutar em outra região e as mulheres ficaram sozinhas

nesse engenho. Os holandeses atacaram e elas souberam se defender muito bem. Há relatos de terceiros de que ela participou dessa batalha em que as mulheres saíram vitoriosas”. Quem tiver um pouco mais de paciência pode encontrar alguns documentos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. A instituição fica em Portugal, mas já existe material disponível para consulta pela internet.

Para Diógenes da Cunha Lima, a polêmica sobre a origem de Clara Camarão é impensável. “É absurdo, mas natural. Eles procuram tomar a história para si, e se nós não defendermos a tese verdadeira, a nossa história fica capenga e não a real. Eu só acho um lado positivo, é que quando se cria a polêmica, se estuda essas personalidades”, considera.

Tentar levar o mérito dos feitos históricos é uma estratégia

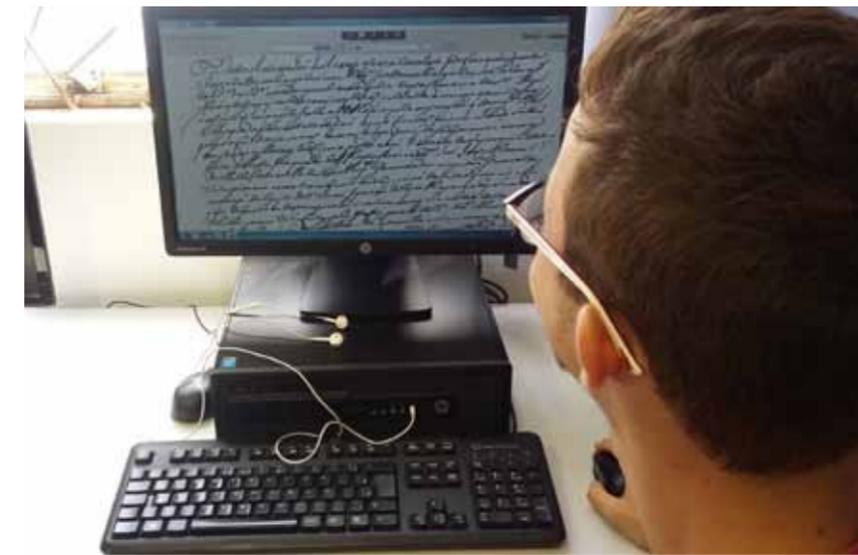
comum na disputa entre países, cidades e estados. Mas o poeta e professor garante que nenhum estado brasileiro pode disputar com o Rio Grande do Norte quando o assunto é o pioneirismo feminino. “Começa com Clara Camarão, que é a nossa grande heroína. Depois tivemos a primeira poetisa de âmbito mundial que era abolicionista, revolucionária, indigenista e fez as duas primeiras escolas do Brasil, Nísia Floresta. Também tivemos Auta de Souza, poetisa apresentada por Olavo Bilac. Depois veio a primeira mulher a votar no Brasil, a primeira deputada eleita do país e a primeira reitora de universidade pública”, enumera.

Até agora uma coisa é certa: ainda há muito o que se pesquisar quando se fala em Clara Camarão. Exemplo disso é que não há citações a ela nos livros clássicos de história do Rio Grande do Norte, como Câmara Cascudo ou Tavares



Diógenes da Cunha Lima, reitor, professor, poeta e presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras

de Lyra. “Do século XVII para trás é complicado de se trabalhar por causa da documentação”, lamenta Carmen Alveal, coordenadora do Laboratório de Experimentação em História Social (LEHS), da UFRN, onde estão guardados milhares de documentos desde a era colonial, que estão sendo transcritos pelos estudantes do curso de História da universidade. A ideia é que as pessoas tenham acesso a esse material. A professora calcula que existam 15 livros no Brasil com citações a Clara Camarão.



Laboratório de Experimentação em História Social da UFRN

Feminismo

Sobre o resgate do nome de Clara Camarão associado ao feminismo, a professora da UFRN explica que é preciso fazer algumas distinções. “Tem que tomar cuidado porque o feminismo é um movimento que se inicia no século XIX e tem auge na década de 60, do século XX. O feminismo é quando as mulheres tomam consciência de que elas têm que lutar pelos seus direitos. Direitos iguais aos

homens, não mais que os homens. Não acho que Clara tenha esse sentido de igualdade, não faz parte das características do período colonial, nem do início do Império. Por isso chamamos de revolucionárias figuras como Nísia Floresta, aquelas mulheres que vão lutar já no século XIX pelo direito à educação, que nem isso as mulheres recebiam. Então, tem que ter a igualdade na educação para depois

começar a lutar por essa igualdade de direitos. Era ensinado crochê, corte e costura, culinária, coisas domésticas. É importante o feminismo resgatar o papel das mulheres atuantes na história, mas tem que ver qual o papel daquela mulher na sociedade. Elas não estavam lutando por direitos iguais, na verdade, estavam lutando até pela própria sobrevivência contra a violência do cotidiano”.

Heróis e Heroínas da Pátria

Hoje, Clara Camarão faz parte do *Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*. Uma espécie de livro de aço que fica na Praça dos Três Poderes, em Brasília (DF). É uma homenagem aos brasileiros e brasileiras que, de alguma forma, contribuíram para que o Brasil

se tornasse grandioso. Nele estão inscritos nomes de figuras históricas como Zumbi dos Palmares, Tiradentes, Dom Pedro I e Chico Mendes. É uma forma de lembrar às diferentes gerações sobre a importância de cada um na construção do Brasil em que vivemos.



Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, que fica em Brasília

Assim eu vejo a vida

A vida tem duas faces:

Positiva e negativa

*O passado foi duro
mas deixou o seu legado*

Saber viver é a grande sabedoria

Que eu possa dignificar

Minha condição de mulher,

Aceitar suas limitações

*E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.*

Nasci em tempos rudes

Aceitei contradições

lutas e pedras

como lições de vida

e delas me sirvo

Aprendi a viver.



Cora Coralina

Poeta e escritora, ela enfrentou obstáculos por ser mulher, passou a ser reconhecida nacionalmente após crônica de Drummond e hoje tem obra estudada no mundo inteiro

**Por Camila Pimentel,
de Brasília (DF)**

CORA CORALINA É UMA rima perfeita para o pseudônimo de uma das maiores poetisas do Brasil. Nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, Goiás, como Ana Lins dos Guimarães Peixoto. Filha do desembargador Francisco Lins dos Guimarães e de Jacintha Luiza do Couto Brandão, teve uma infância difícil, pois seu pai morreu quando ela ainda era um bebê com menos de dois meses de vida. A mãe, ao ficar viúva e com três filhas para sustentar, passou por grandes dificuldades financeiras. Cora foi criada entre sete mulheres que tinham poucos recursos e a infância foi na Fazenda Paraíso, propriedade de seu avô materno.

Foi aos 14 anos que Ana Lins criou o pseudônimo de Cora Coralina. Rece-

beu a inspiração dos deuses para iluminar os seus poemas. Em 1908, fundou junto com amigas escritoras o jornal “A Rosa”, e no ano de 1910 publicou o seu primeiro conto, “Tragédia na Roça”, na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Nesse ínterim, conheceu o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas e, em 11 de novembro de 1911, mudou-se com ele para o interior de São Paulo. Morou em diversas cidades: Jaboticabal, Andradina, Penápolis, e depois na própria capital, onde lançou seu primeiro livro.

A poeta teve seis filhos: Paraguaçu, Enéias, Cantídio, Jacintha, Ísis e Vicência. A família cresceu com 15 netos e 30 bisnetos. A sua trajetória foi marcada pelo pioneirismo e também por quebrar barreiras

do início do século XX no que diz respeito à atuação da mulher na literatura brasileira. Como escritora, Cora Coralina também foi vítima de preconceito contra as mulheres, pois o seu marido a proibiu de integrar-se à Semana de Arte Moderna, a convite de Monteiro Lobato, em 1922. No entanto, em 1934, ao ficar viúva, tornou-se vendedora de livros da

editora José Olympio, e até lançar o seu primeiro livro percorreu um longo caminho. Só em 1965 conseguiu lançar a primeira publicação, “O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais”. Onze anos depois, em 1976, foi lançado o “Meu Livro de Cordel”, pela editora Cultura Goiana.

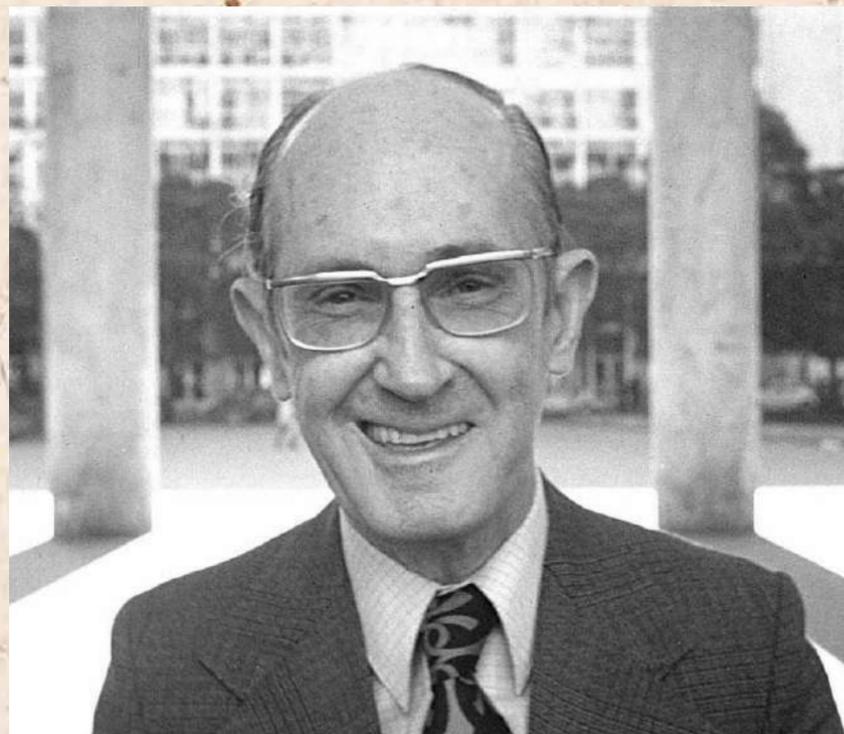
Cora Coralina viveu 45 anos em São Paulo e em 1956

retornou com os filhos para sua cidade natal, Goiás Velho. Foi morar na Casa Velha da Ponte, às margens do Rio Vermelho, onde atualmente funciona o Museu Casa de Cora Coralina. Já de volta à sua cidade, começou a atividade de doceira e por 14 anos exerceu a profissão. Ela dizia: “sou doceira por necessidade e escritora por acaso”.

Reconhecimento de Carlos Drummond de Andrade

A poeta e escritora Cora Coralina só ganhou notoriedade nacional no ano de 1980, quando o escritor Carlos Drummond de Andrade publicou uma crônica no *Jornal do Brasil* e citou a genialidade da obra de Cora Coralina. A partir dessa época, ela passou a ser conhecida nos meios literários de todo o Brasil. Atualmente, é vista como uma das maiores escritoras do Brasil e sua obra é estudada nas mais renomadas universidades, inclusive em outros países.

“Uma mulher que com a sua força de mulher goiana, enfrentou dificuldades e se fez ao largo da vida, deixando para as gerações uma obra singular”, disse Marlene Vellasco, diretora do Museu Cora Coralina.



Carlos Drummond de Andrade citou a genialidade de Cora Coralina em crônica



Museu Cora Coralina

Após a morte da poeta, no dia 10 de abril de 1985, amigos e alguns parentes preocupados com o que poderia acontecer com o seu legado, uma vez que seus filhos residiam em São Paulo e tinham pouca relação com a cidade, resolveram criar uma instituição que pudesse manter viva a memória e a obra de Cora.

Assim, em 27 de setembro de 1985, nasceu a Associação Casa de Cora Coralina, entidade civil de direito privado, tendo como um dos seus objetivos preservar e divulgar a vida e obra da escritora. Após a criação da associação, foi

a vez de instituir o Museu Casa de Cora Coralina, inaugurado em 20 de agosto de 1989, data do centenário de nascimento da escritora.

O museu tem objetos pessoais, móveis, documentos, manuscritos, datiloscritos, fotografias, jornais, livros, correspondências ativas e passivas. “Acreditamos que tudo que compõe o museu é importante, pois registra a vida e obra de Cora, mas podemos destacar como mais valiosos os manuscritos, os cadernos em espiral, contendo os seus poemas, muitos já publicados, outros ainda inéditos”, disse Marlene.



“

Acreditamos que tudo que compõe o museu é importante, pois registra a vida e obra de Cora, mas podemos destacar como mais valiosos os manuscritos, os cadernos em espiral, contendo os seus poemas, muitos já publicados, outros ainda inéditos”.

Marlene Vellasco,
diretora do Museu

Ainda sobre Cora Coralina a diretora do museu afirmou: “O museu cumpre o seu papel institucional de divulgar a obra e a vida dessa mulher extraordinária, que teve uma única professora, Mestre Silvina, cursando até o 3º ano primário e seu livro de amor é o dicionário”.

O Museu Cora Coralina recebe anualmente cerca de 30 mil turistas, e um número significativo de estudantes de diversas partes do Brasil. Após a morte de Cora Coralina foram publicados mais 13 livros e ainda há material inédito para outras publicações. Cora Coralina ainda tem uma filha viva, Vicência Bretas Tahan, que está com 90 anos, reside na capital paulista e é a detentora dos direitos autorais da escritora.



Patrimônio da Humanidade

Hoje a cidade de Goiás, antiga Goiás Velho, é Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. Ela recebeu este título da Unesco em dezembro de 2001. E após 10 anos como patrimônio histórico, em dezembro de 2011 a cidade sofreu uma grande enchente que alagou centenas de casas na região central. Uma das casas atingidas foi aonde atualmente funciona o Museu Cora Coralina, e onde a poetisa morou durante anos. A enchente ocorreu após o Rio Ver-



melho, que corta a cidade e passa ao lado do Museu, transbordar. A ponte que dá acesso ao Museu ficou interditada e tudo que lembra Cora Coralina teve que ser retirado do local. Por ser uma cidade tombada, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) agiu rápido e comandou a

recuperação das casas da Cidade de Goiás. A Unesco doou R\$ 137 mil, e União, Estado e Município investiram R\$ 3,95 milhões. Além disso, empresas privadas também doaram para a recuperação dos imóveis atingidos pela enchente. Foram gastos R\$ 8 milhões para a recuperação da cidade.



O charme da Rua Jundiá

No bairro de Petrópolis, em Natal, a Rua Jundiá é o endereço dos oitizeiros. Arborizada, é uma das mais belas da capital potiguar

Por Cícero Oliveira
Fotos Cícero Oliveira

A CATEDRAL METROPOLITANA DE Natal, obra do arquiteto Marconi Grevi, com sua nave em vão único, e linhas estruturais que parecem querer elevar o homem até Deus, marca o início da Rua Jundiá. São aproximadamente 800 metros até chegar ao outro extremo, quando encontra a Avenida Hermes da Fonseca, quase no limite leste da cidade. Reconhecidamente bem localizada, serve de intermédio entre os bairros de Petrópolis, Tirol e Cidade Alta.

Não deve estar na lista, se há uma, das ruas mais importantes da cidade, nem se destaca pela arquitetura de suas casas ou edifícios, mas exibe o mesmo charme de *boulevards* europeus, que serviram de inspiração para o arquiteto greco-italiano Giacomo Palumbo quando executou o Plano Geral de Sistematização da Cidade de Natal, encomendado pelo então prefeito Omar O'Grady, em 1929, ainda no início do século passado. Nesse projeto, a Rua Jundiá se posicionava como extremo sul da cidade que, de forma vanguardista, se preparava para abrigar ordenadamente uma população de até 100 mil habitantes – algo bastante diferente dos dias atuais.

A morada dos oitizeiros

Famosa pelas grandes árvores, os oitizeiros (*Licania tomentosa*) e mongubas (*Pachira aquatica*), que lhe margeiam de uma ponta a outra, formando um enorme túnel verde, entrecortado pelos cruzamentos com algumas poucas avenidas, ela é considerada por muitas pessoas como uma das ruas mais bonitas da cidade. Para o economista Pedro Tavares, que é morador do bairro, “a Rua Jundiá é, sem dúvida, a mais charmosa de Natal”, e todos os dias ele a frequenta, pois

faz parte do roteiro de suas caminhadas matinais. Já a secretária Ana Cláudia Malheiros lembra que “além de belíssima, a rua é muito bem localizada, e a gente consegue trabalhar, se divertir ou mesmo fazer compras sem a obrigatoriedade de tirar o carro da garagem”.

A rua começou a ganhar arborização que mantém atualmente provavelmente nos anos 1930. Ambrósio Fortunato, professor aposentado, que mora desde 1939 nas proximidades da

Jundiá, conta que quando mudou-se para o local, com apenas 10 anos, os oitizeiros “ainda eram bem jovens, e muitos anos depois, à medida que alguns iam caindo, foram sendo trocados por outros tipos de árvores”. Com construções predominantemente residenciais até os anos 1970, passou por profundas mudanças na década seguinte, quando muitas residências foram transformadas em clínicas, comércios, ou mesmo em repartições públicas.



Muitos benefícios e alguns cuidados

Ainda em relação às espécies de árvores encontradas na rua, o oitizeiro é bastante comum na Caatiga e na Mata Atlântica, já a monguba é proveniente da região amazônica, afirma Bruno Macêdo, mestre em Ciências Florestais e biólogo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Ele também lembra que as árvores são importantes não só “pelo efeito paisagístico positivo e pelo sombreamento, mas também pela questão do microclima diferenciado, em razão de um maior conforto térmico. Além disso, as árvores conseguem absorver

parte da poluição sonora, fazendo com que o ambiente fique mais silencioso, principalmente para quem mora em prédios”. Outro ponto importante é que as árvores proporcionam alimento e abrigo para muitos animais, como um “refúgio para a fauna dentro do ambiente urbano, que tradicionalmente é muito artificializado”, afirma o biólogo.

Bruno Macêdo ainda aponta uma outra curiosidade: “O oitizeiro tem uma relação com uma formiga do gênero *Azteca*, que trabalha como um sistema imunológico para essa árvore. Quando algum inseto tenta parasitar o

oitizeiro, ele é rapidamente atacado e destruído pela formiga”. O nome *Azteca* se deve ao fato de que esse gênero de formigas constrói suas casas em formato de uma pirâmide.

Virgínia Ferreira, Secretária Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (Semurb), destaca que ruas como a Jundiaí são bas-

tante importantes para qualquer cidade, pois “a arborização contribui para a qualidade de vida da população, para a melhoria da saúde das pessoas e para o seu bem estar, sejam árvores de rua, parques ou demais áreas verdes”. A Semurb, em conjunto com a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semsur), são os órgãos responsáveis pela manutenção da arborização na cidade, uma realizando o planejamento de

ações e diagnóstico de problemas, enquanto a outra executa as ações de plantio e poda, respectivamente. Virgínia ressalta que atualmente a meta da secretaria é promover o plantio de quatro mil novas árvores a cada ano.

Durante o período mais úmido do ano, os oitizeiros ganham mais que uma bela folhagem. As partes mais altas dos troncos ficam revestidas por líquens, que lhes conferem uma

textura de belíssimo contraste entre o verde e o preto. Por serem árvores de grande porte, que ultrapassam com facilidade a altura de uma dezena de metros, elas exigem manutenção frequente. As podas têm que ser feitas de forma sistemática, evitando assim os acidentes com as quedas de galhos, que podem ocorrer quando apodrecem, ou simplesmente por excesso de peso por ficarem grandes demais.



Bruno Macêdo, mestre em Ciências Florestais e biólogo da UFRN

De frente para um espetáculo

A Rua Jundiaí, assim como em seu início, no final é presentada com um grande espetáculo, e se comporta como fã que fica no gargarejo, parecendo admirar encantada a beleza da vegetação do Parque das Dunas, que se põe à sua frente. Ou, quem sabe, assuma a função de véu, que desce do lindo vestido verde que veste a Noiva do Sol, como também é definida a capital do Rio Grande do Norte.

A arborização contribui para a qualidade de vida da população, para a melhoria da saúde das pessoas e para o seu bem-estar, árvores de rua, parques e demais áreas verdes.



Educação com choque de realidade

Brasil é o quinto colocado na lista de países com maior quantidade de mortes em acidentes de trânsito. Educar é preciso. No RN, governo lança campanha de conscientização com simulador

Por Nicole Biggi Lemes

Fotos: Cícero Oliveira e arquivo

QUEM PASSA POR SHOPPING costuma se deparar com carros possantes, que são exibidos para encher os olhos em tempo de lançamento. Mas, no Natal Shopping, na capital potiguar, o cenário foi inusitado durante o mês junho. Em vez de reluzentes, carro destruído. Foi a estratégia usada pelo governo do Rio Grande do Norte para mostrar o resultado de carros que passaram por reais acidentes de trânsito. No mesmo cenário, um simulador de acidente, para que qualquer pessoa possa sentir o choque de um desastre, seja na estrada, em ruas e avenidas das cidades.

A imagem causou impacto naqueles que passavam por ali e possibilitou aumentar a discussão sobre imprudência no trânsito. A nova campanha, assinada pela Executiva Propaganda, foi lançada no final de junho pelo Departamento Estadual de Trânsito (Detran), aprovada pelo Ministério Público Estadual. A #Curtodirigirbem traz a real visualização dos efeitos da bebida, por exemplo, nos sentidos das pessoas.

Secretária de Comunicação do Governo, a jornalista Juliska Azevedo esteve presente no lançamento e detalhou as ações que norteiam a iniciativa. “Realizamos uma exposição inédita em um dos shoppings mais movimentados da cidade. As pessoas podem ver carros destruídos que resultaram de acidentes de trânsito reais e, lamentavelmente, com vítimas fatais. E também, para envolver ainda mais o público, oferecemos um circuito interativo no qual qualquer pessoa pode experimentar óculos simuladores de embriaguez e tentar fazer o percurso com eles”. O material de divulgação conta também com vídeo, spot de rádio nas TVs abertas e emissoras de rádio em todo o Estado, outdoors e material impresso.



Vidas em números

A irresponsabilidade no trânsito destrói vidas todos os dias. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os acidentes nas rodovias são o nono motivo que mais causa mortes no mundo. Cerca de 1,3 milhões de pessoas morrem devido a esses

acidentes e uma média 50 milhões têm que conviver com as sequelas. Os números são alarmantes e o Brasil ocupa o quinto lugar no ranking de países recordistas em mortes causadas por veículos, atrás somente de países como Índia, China, Estados Unidos e Rús-

sia. Os últimos dados registrados pelo Ministério da Saúde relevam mais de 37 mil óbitos e 204 mil pessoas feridas.

Os motivos que provocam esses acidentes são os mais variados. A Polícia Federal registrou em 2016 o percentual de 30,8% de

danos por falta de atenção, seguido de 21,9% por excesso de velocidade, e em terceiro lugar, com 15,6%, a ingestão de bebidas alcoólicas. A maior parte das mortes acontece na faixa dos 15 aos 29 anos. Grande parte dos envolvidos é a população ativa, o que gera uma preocupação extra para órgãos governamentais.

Diversas campanhas em todos os estados estimulam os cuidados no trânsito. Há alguns anos foi criado o movimento Maio Amarelo, para lançar os olhos às vidas perdidas em acidentes por veículos. As campanhas de conscientização se propõem a educar os indivíduos, trazendo informações importantes sobre as conse-

quências dos atos imprudentes na direção e cada vez mais os governos se esforçam em promover ações impactantes que tenham reais efeitos na população. “Pesquisas apontam que as campanhas de educação de trânsito têm tido um papel decisivo para a mudança de comportamento dos condutores. O Brasil ainda tem um número muito alto de acidentes desse tipo, grande parte causada por excesso dos condutores: beber e dirigir e usar o celular, por exemplo. A campanha surge pela necessidade de um processo permanente de educação no trânsito, com o objetivo de fazer com que as pessoas reflitam sobre o risco dos comportamentos inadequados”, destaca Juliska Azevedo.

Diretor da Executiva Propaganda, o publicitário Odegar Neto diz que a linguagem utilizada na campanha deste ano foi pensada para introduzir um conceito tão atual e presente na vida da sociedade mediado pelas redes sociais digitais. “A hashtag é a forma que o jovem e a sociedade de hoje em dia usam para compartilhar e veicular uma mensagem rapidamente e tem alto índice de abrangência. Vimos aí um estímulo para se chegar cada vez mais longe através da campanha nas redes sociais”. Ressalta que já está comprovada a rapidez do retorno positivo da campanha com a utilização da TAG.



Publicitário Odegar Neto, diretor da Executiva Propaganda

Resultados

De acordo com o diretor-geral do Detran RN, Júlio César Câmara, os resultados foram satisfatórios após as campanhas educativas estimuladas em outros anos. “Houve uma redução de 12% na quantidade de boletins de atendimento no Hospital Monsenhor Walfredo Gurgel em 2016, com relação ao ano anterior. Essa porcentagem é muito boa quando se trata de acidentes no trânsito”.

O objetivo da ação é enfatizar os pontos que mais causam acidentes, e até o fim do ano abordar outras temáticas, como velocidade, imprudência, motocicleta e lei seca. “Quisemos dar sequência à estratégia que vínhamos seguindo nas campanhas anteriores: conscientizar os condutores sobre o risco de consumir bebida alcoólica e outras substâncias antes de dirigir ou pilotar motocicleta sem os cuidados necessários. Dessa vez, tratamos o fato de muitas pessoas não cumprirem o que dizem perante a sociedade, ou seja, se comportarem de outra forma quando estão por trás do volante”, detalha Odeimar Neto, da Executiva.

A mostra teve início em Natal e seguiu para Mossoró com ações durante o “Mossoró Cidade Junina” e vai avançar para outros lugares do estado. O Governador do RN, Robinson Faria, destaca que



Júlio César Câmara, diretor-geral do Detran RN

o trabalho em parceria realizado pelo governo, Detran e pela agência de publicidade é essencial para conscientização da população. “A sociedade precisa estar alerta sobre os riscos da irresponsabilidade ao volante. Dessa forma, acredito que a campanha tem uma linguagem atual e bem assertiva para mostrar a realidade”, comenta.

Todo aparato publicitário empregado converge no sentido de alertar sobre a responsabilidade social do motorista e lembrar sobre as perdas que sua conduta podem

gerar. “Se motoristas, motociclistas, ciclistas, pedestres fizerem sua parte, respeitando as leis, teremos um trânsito seguro, como deve ser”, aponta o diretor geral do Detran.

A iniciativa também contará com ações educativas nas escolas e ruas, enfatizando o respeito à legislação do trânsito e ainda operações complementares, como blitzes educativas e aplicação da Lei Seca em grandes eventos. “Entendemos a educação sobre a legislação como um instrumento essencial para redução das vítimas e o engajamento

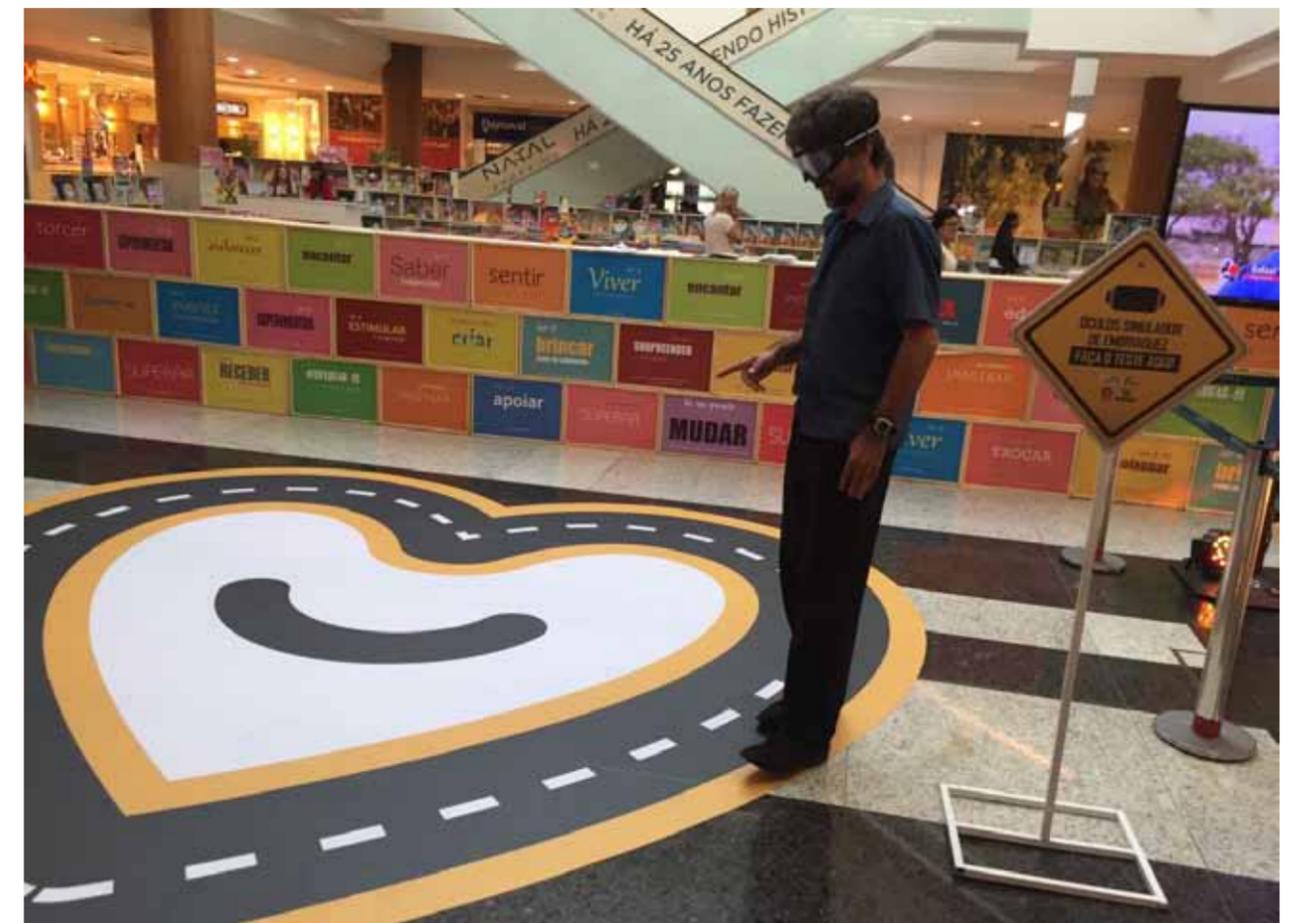
da população é muito importante para manter o assunto em pauta”, declara Juliska Azevedo. A simulação é uma grande aliada nessa educação porque permite uma real reflexão sobre o risco de pegar na direção após o consumo de álcool. “Até mesmo quem ainda não tem a carteira de motorista ou crianças já podem começar a adquirir a consciência de que álcool e direção não devem se misturar”, assegura a secretária de comunicação.

Além do desdobramento natural, as ações pontuais nos

shoppings conferem visibilidade e rapidez na assimilação. “Temos tido um excelente retorno da campanha. A repercussão está enorme, as pessoas nos procuram para relatar o quanto ficaram sensibilizadas com a forma de abordagem do tema, seja nos filmes, seja na exposição no shopping. Confio que, realmente, essa receptividade terá reflexos nas ruas, atingindo um dos propósitos da ação, diminuir as estatísticas de trânsito, com redução do número de acidentes e de vítimas”, finaliza Juliska.

“Temos tido um excelente retorno da campanha. Confio que essa receptividade terá reflexos nas ruas, atingindo um dos propósitos da ação, diminuir as estatísticas de trânsito, com redução do número de acidentes e de vítimas”

Jornalista Juliska Azevedo, Secretária de Comunicação do Governo



Teste com óculos simulador de embriaguez

Pelo direito de morrer

Legalizada em poucos países do mundo, o procedimento que garante ao ser humano a escolha de quando e como morrer esbarra em dogmas religiosos, ética médica e mexe com um grande tabu da humanidade: a morte

Por Leonardo Dantas

A ATLETA PARALÍMPICA MARIEKE Vervoort marcou seu nome na história do atletismo nos últimos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. Aos 38 anos, a belga conquistou duas medalhas na competição. Esse era o seu objetivo antes de aposentar-se do esporte. Poderia ter sido apenas mais uma história comum no meio esportivo, quando uma atleta decide obedecer às limitações da idade e o cansaço dos esportes de alto rendimento e “pendurar as chuteiras”. Mas um detalhe levantou discussão e comoveu o mundo.

Marieke está em uma cadeira de rodas desde os 20 anos, por sofrer de uma doença degenerativa sem cura que atinge a coluna vertebral e paralisa a parte inferior do seu corpo. Além de sentir muitas dores que não a deixam dormir, a atleta tem apenas 20% da visão. Com isso, em 2008 assinou um documento que au-

toriza o médico a lhe aplicar uma injeção letal, que põe fim à sua vida e, conseqüentemente, ao sofrimento do corpo.

O procedimento conhecido como eutanásia é legalizado na Bélgica desde 2002 e o único país do mundo que não impõe limite mínimo de idade para a decisão. A atleta não sabe ainda quando será realizado o procedimento, mas decidiu passar os últimos anos da sua vida ao lado dos familiares.

A polêmica em torno da eutanásia envolve questões éticas, jurídicas e religiosas. Ela é definida como um tratamento pelo qual o paciente em estado terminal ou portador de doença incurável e que esteja em sofrimento constante possa receber uma morte sem dor. O que difere a eutanásia de outros procedimentos como ortotanásia, morte assistida e sedação paliativa, é o ato comissivo de um terceiro que conduz o paciente à morte.



Marieke Vervoort sofre de uma doença degenerativa sem cura que atinge a coluna vertebral e paralisa a parte inferior do seu corpo

O tema no Brasil

Pelo fato de ser um país majoritariamente cristão, as discussões sobre o tema no Brasil possuem um viés religioso e argumentos como “a vida é uma dádiva de Deus e o ser humano não tem o direito de cessá-la” são utilizados por aqueles que são contra. Já os que defendem a legalização acreditam no direito à escolha individual, independente da crença religiosa e levando em conta a dignidade humana e o direito de encerrar um sofrimento. De que adiantaria prolongar a vida se seria também prolongar um sofrimento?

Porém, além da religião, vale destacar que a regulamentação da eutanásia bate diretamente na Constituição brasileira quando o texto diz que o direito à vida é inviolável. Também contradiz valores médicos e éticos, uma vez que espera-se que esses profissionais façam o possível para manter os pacientes vivos.

No Brasil, a eutanásia é considerada crime de homicídio, de acordo com o advogado da Ordem dos Advogados do Brasil do RN Deywsson Medeiros Gurgel, e a pena pode ser de até 20 anos de prisão. Por não ser tipificada no Código Penal Brasileiro, não se sabe ao certo qual penalidade deve ser aplicada. Há uma atenuante que, se comprovado o pedido do doente e levado em considera-



ção o alívio de um sofrimento inevitável, a pena é reduzida de três a seis anos. Ou seja, é crime, mas não se sabe qual. “Por mais que o ato não encontre previsão em sentido estrito, pelo fato de violar o direito mais valioso tutelado pelo Estado, a vida, esse procedimento é visto como um assassinato (Art. 121, Código Penal) ou, no mínimo, dependendo da situação específica, como uma participação em suicídio (Art. 122, Código Penal)”, explica.

Deywsson também destaca que o Direito Brasileiro tem como princípio máximo a vida humana, derivando normas que obrigam



Deywsson Medeiros Gurgel
advogado da OAB

o Estado a oferecer aos cidadãos saúde (vida física), educação (vida social), o direito de ir e vir (vida livre) etc. Portanto, sempre que existir vida ela deve ser protegida e independente da forma que ela se apresente. “O direito tutela uma vida que é sempre plena,

por mais que ela não se apresente assim em um dado momento, a tendência natural é a vida. Desta forma, se os cientistas do Direito seguissem os princípios a que estão submetidos, nunca haveríamos de vivenciar um tempo em que a eutanásia fosse legalizada.

Na essência não existe tendência à legalização de qualquer ato que atente em desfavor da vida”.

O tema ainda segue esquecido no legislativo brasileiro. No Senado, um projeto de Lei de 1996 que nunca foi votado autoriza “a prática da morte sem

dor em casos específicos”. O PLS 125, do senador Gilvam Barros (PMDB-AM), foi arquivado em 2013. Já no Novo Código Penal Brasileiro, cujo texto segue parado também no Senado, a eutanásia é enquadrada pela primeira vez como crime.

Eutanásia § 3.º. Se o autor do crime é cônjuge, companheiro, ascendente, descendente, irmão ou pessoa ligada por estreitos laços de afeição à vítima, e agiu por compaixão, a pedido desta, imputável e maior de dezoito anos, para abreviar-lhe sofrimento físico insuportável, em razão de doença grave e em estado terminal, devidamente diagnosticados: Pena reclusão, de dois a cinco anos. Exclusão de ilicitude § 4.º. Não constitui crime deixar de manter a vida de alguém por meio artificial, se previamente atestada por dois médicos a morte como iminente e inevitável, e desde que haja consentimento do paciente ou, em sua impossibilidade, de cônjuge, companheiro, ascendente, descendente ou irmão.

(De acordo com o Novo Código Penal Brasileiro, a eutanásia é crime, mas punido de maneira mais branda).

Para o presidente do Conselho Regional de Medicina do RN (Cremern), Marcos Lima de Freitas, a discussão sobre o fim da vida sempre foi negligenciada no país. “Não se fala de forma clara e objetiva sobre a morte. Não introduzimos o tema morte nas reuniões familiares, provavelmente por questões culturais e emocionais. O tema é discutido de forma embrionária pela Medicina havendo muitos mitos e tabus que precisam ser desfeitos”.

Para o médico, a morte deve ser considerada como mais um momento da vida, interpretado e tratado da forma adequada, com preservação de dignidade e autonomia do ser humano. “Nosso país passa por



Marcos Lima de Freitas

um momento de crise, com graves problemas na base da sua estrutura sócio-política, o que dificulta uma discussão racional dos temas complexos, como a regulamentação da eutanásia”. Ele desconhece casos de eutanásia no RN.

“

Nosso país passa por um momento de crise, com graves problemas na base da sua estrutura sócio-política, o que dificulta uma discussão racional dos temas complexos, como a regulamentação da eutanásia.”

Marcos Lima de Freitas,
presidente do Conselho
de Medicina do RN

Ortotanásia

Em algumas situações, o médico pode interromper o tratamento que está prolongando a vida de um paciente terminal sem chance de cura a pedido do próprio doente ou do responsável. A esses casos é dado o nome de ortotanásia, ou eutanásia passiva, e não é configurado crime, já que cumprem parâmetros de uma boa prática clínica.

No ano de 2006, o Conselho Federal de Medicina (CFM) criou uma resolução permitindo que médicos realizem a prática. Vale salientar que nesse caso não há indução da morte e sim um processo

de antecipação. Na verdade, é encarada como o curso natural de um quadro terminal, que seria apenas prolongado pela intervenção médica. Desligar aparelhos é uma forma de ortotanásia.

“Evita-se a obstinação terapêutica com medidas desproporcionais (distanásia), que apenas prolongam o processo já definido pela natureza (fase final de doença incurável). Para isso serão necessários os cuidados paliativos, nova área de atuação da Medicina que proporciona um fim de vida digno e sem sofrimentos para o paciente”, explica Lima. Ele destaca também

que o tema foi recentemente introduzido no Curso de Educação Médica Continuada do Cremern, pela importância que representa para a prática profissional.

Há um projeto ainda tramitando no Congresso que transforma a ortotanásia em lei. O PL 5559, do deputado Pepe Vargas (PT-RS), garante, entre outros direitos, a pacientes em hospitais públicos e privados o direito à recusa de tratamento, com exceção em situações de risco de morte em que esteja inconsciente. Nesse caso, o representante escolhido previamente pelo paciente tomara a decisão.



SITUAÇÃO MUNDIAL

Dos 193 países-membros da ONU (Organização das Nações Unidas), apenas 8 têm uma legislação sobre o direito de morrer



Mundo

Em alguns países a eutanásia e a chamada morte assistida, que consiste no auxílio de um terceiro para que o paciente pratique pessoalmente o ato que leve à morte, são regulamentadas. “Nesses locais onde essa prática foi despenalizada, há critérios para sua execução. O paciente deverá ser portador de enfermidade reconhecidamente irreversível com perspectiva de uma evolução penosa. Deverá haver de forma reiterada a manifestação do desejo por parte do paciente e a sua execução poderá ser realizada da forma direta na qual o médico administrará a medicação que levará à morte ou de forma indireta na qual o paciente administra a medicação preparada pelo médico”,

esclarece Marcos Lima.

A Holanda foi o primeiro país a legalizar a eutanásia e a morte assistida, em abril de 2002. A intervenção pode ser feita a partir dos 12 anos, porém, até os 16 anos é necessário o consentimento da família. A decisão só pode ser tomada quando o paciente ainda está lúcido e com o parecer de um segundo médico. Uma comissão formada por médicos, juizes e sociólogos examina cada caso.

No mesmo ano, mas no mês de maio, a Bélgica regulamentou o procedimento, inclusive para quem não sofresse de uma doença sem cura. Menores de idade eram proibidos mesmo com o aval dos pais. Em 2014, a lei foi reformulada e

a eutanásia passou a ser permitida para qualquer idade, desde que autorizada pelos pais e após a avaliação de um psiquiatra infantil. A nova lei também limitou para pacientes em estado terminal. A Holanda, a Bélgica e Luxemburgo são os únicos países que permitem categoricamente a eutanásia.

O Canadá foi o último país a regulamentar esse tipo de procedimento, em junho de 2016. O projeto aprovado pelo Senado foi exigência da Suprema Corte Canadense, que alegou que a lei que penalizava essa prática era inconstitucional. A intervenção é autorizada apenas para pacientes em “condição médica dolorosa e irremediável”.

Turismo da morte

Apesar de a Suíça não possuir uma legislação que tipifique a eutanásia, a corte federal do país reconhece o direito de pacientes escolherem a morte. O crescente número de estrangeiros que viajam até o país para morrer fez com que a Suíça ficasse conhecida pelo chamado turismo da morte. As empresas locais Dignitas e Exit oferecem serviços de morte assistida.

Na América Latina, a Corte Constitucional Colombiana decidiu em maio de 1997 pela isenção de responsabilidade penal de quem cometesse homicídio

piadoso, havendo claramente o consentimento prévio do paciente em estado terminal. Mas vale destacar que ainda há insegurança jurídica no país sobre o tema, pois no Código Penal da Colômbia há um artigo que prevê uma pena de 6 meses a 3 anos pela prática do homicídio piadoso.

Já o Código Penal Uruguaio prevê desde 1934 a possibilidade de perdoar a pena para quem pratica a eutanásia, desde que por piedade e mediante súlicas reiteradas da vítima, e desde que o praticante tenha um passado honroso. Mesmo sem

legalizar, o Uruguai foi o primeiro país a tolerar o procedimento através de uma análise do caso.

A complexidade do assunto e o fato de envolver direito individual, ética médica, religião e outros pontos polêmicos, faz-se necessário que o tema seja debatido e que levem em consideração pontos de vistas conflitantes. Existe uma gama de tratamentos que podem prolongar a vida de um paciente, mas isso não impede o sofrimento. Por fim, o que não muda é que como seres humanos estamos todos sujeitos a dor, sofrimento, vida e morte, e o debate é necessário.



“

Sofrer é desafiador e difícil de se vivenciar, mas nos possibilita grandes oportunidades de progresso moral, intelectual e emocional.”

Eden Lemos,
presidente da
Federação Espírita
do RN

Espiritismo

“Quando sofremos temos uma grande oportunidade de descobrirmos nossos limites e de identificarmos possibilidades de crescer como ser humano”, diz Eden Lemos, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Norte. Para ele, a humanidade não conhece ainda, de forma sistematizada, os problemas que uma ação como a da eutanásia cria para a pessoa que é submetida a ela. “O Espiritismo é a favor da vida. Vivenciar ou provocar a ruptura dos vínculos do Espírito, que ainda vive ligado ao corpo físico, provoca um impacto emocional, energético, que o leva a viver um período de desequilíbrio emocional pro-

fundo após o procedimento”.

De acordo com Eden, o Espiritismo prega que o sofrimento físico é consequência da imperfeição emocional, intelectual e ética do indivíduo. “Os desequilíbrios existentes no íntimo do ser propiciam oportunidades de serem somatizados no corpo. O sofrimento é real e precisa ser enfrentado como uma consequência da imperfeição humana. Sofrer é desafiador e difícil de se vivenciar, mas nos possibilita grandes oportunidades de progresso moral, intelectual e emocional”.

Como presidente da federação, ele conta que há muitos casos de pessoas que vivenciaram e passam



Eden Lemos

por problemas de saúde, como o câncer, e que procuram a instituição para o entendimento dessa situação. “Temos muitos casos de espíritas que conduziram e conduzem essa experiência desafiadora com firmeza e sem perder a esperança na vida que é imortal”.

“O mundo precisa velejar”

Da vida de empresários ao dia a dia a bordo de um barco, casal potiguar que largou a terra pelo mar relata experiências e mudanças na forma de ver o mundo

Por Rafael Barbosa

APRENDER A VIVER COM pouco, abrir mão de luxos e descobrir que é possível levar uma vida mais simples, sem apego, e ser feliz. Esses foram ganhos do casal Mattos, que por mais de 11 anos largou o dia a dia de família de classe média alta em Natal, Rio Grande do Norte, para morar em um barco. Nelson e Lúcia Mattos hoje moram em terra e até já venderam o seu veleiro. Só não garantem que um dia não irão voltar ao mar.

A história dos dois com o veleiro Avoante começou ainda na década de 1990, uma paixão arrebatadora que não os deixou mais desde então. Nelson Mattos Filho era presidente da Associação de Supermercados do Rio Grande do Norte em 1996. Dividia seu tempo entre cuidar das atribuições da função e administrar um mercado e uma padaria. Além disso, dava auxílio à mãe na padaria da família.





Terra Caída (SE)

O voo atrasado e o mar encontrado

Entre as idas e vindas em viagens para representar a associação, o acaso do atraso de um voo o colocou diante de uma surpresa que mudaria os rumos de sua trajetória nos anos que se seguiram. Nelson esperava em São Paulo (SP) o avião atrasado para retornar a Natal, quando re-

solveu ir à livraria do aeroporto para passar o tempo.

O atendente do estabelecimento lhe ofereceu ajuda para escolher um exemplar, e sugeriu a leitura de uma obra que chegara recentemente. Tratava-se do livro da Família Schurmann, que passou dez anos vivendo no mar,

em um barco. “Naquela época, do mar mesmo eu só entendia de praia, mas gostei da temática e resolvi levar o livro”, recorda.

Nelson lembra que se atracou com as páginas do relato dos velejadores catarinenses e rapidamente devorou o livro. No dia seguinte, em uma reunião da

Associação de Supermercados, um dos diretores viu o exemplar dos Schurmann sobre a mesa de Nelson e lhe perguntou se gostava do tema.

Diante da resposta positiva, o colega de trabalho revelou-lhe que era vice-comodoro do Iate Clube de Natal. “Então ele me convidou para almoçar com ele no clube, para me apresentar alguns barcos e eu fui”. No lugar, Nelson foi apresentado a alguns

veleiros. Contudo o amigo lhe advertiu, antes que entrasse na embarcação: quando se entra num barco, não se quer sair mais.

Naquela época, Lúcia – que também estava no passeio – não gostava da ideia de embarcar em um veleiro. “Dizia que descasava se eu embarcasse”, riu Nelson. Foram dois anos frequentando o Iate Clube, até que um dia, na saída, havia um cartaz informando sobre inscrições

para o curso de arrais amador. É a formação básica para retirada da primeira carteira náutica.

Empolgado pela história do livro dos Schurmann – os brasileiros que deram a volta ao mundo de barco –, Nelson Mattos resolveu se inscrever no curso. Apesar de ainda não concordar muito com a ideia, Lúcia acompanhou o marido e também decidiu assistir às aulas. Foi um caminho sem volta.



Lucia timoneando em Mangue Seco

Primeiro contato com o mar

Na semana seguinte começou o curso de arrais amador, frequentado sem ausências pelo casal Mattos. No dia da prova final para a aquisição do certificado, Lúcia saiu mais cedo que Nelson da sala de aula no clube. Terminou antes

a avaliação. “Quando eu saí, perguntei como foi a prova e ela disse ‘foi boa, e eu acabei de comprar um barco’”.

A embarcação só viram no outro dia, porque Lúcia comprou o veleiro literalmente no escuro. Era noite e não dava pra ver detalhes do barco. Era um monotipo de 17 pés. Segundo Nelson, ótimo para quem quer aprender a navegar. “Navegamos dois anos nesse barco, que tinha o nome de Laura Cristina, de 1998 a 2000”, relata. Laura Cristina pertencia a um sócio do Iate Clube, que falecera e seus parentes então resolveram pôr à venda o bem.

“Fui até Exu Queimado, 65 milhas daqui. Eu, Lúcia e um casal de amigos. Foram muitas viagens, e sempre com a história daquele livro da família (Schurmann), de fazer uma viagem de volta ao Mundo.”

Nelson Mattos, empresário

Nessa época, o casal começou a participar de regatas de oceano, fazer viagens com o veleiro, mas ainda fixado na cidade. A embarcação ainda não era casa. “Fui até Exu Queimado, 65 milhas daqui. Eu, Lúcia e um casal de ami-

gos. Foram muitas viagens, e sempre com a história daquele livro da família (Schurmann), de fazer uma viagem de volta ao Mundo”, conta Nelson.

No ano de 2000 apareceu pelo porto de Natal um veleiro rebocado pela Marinha. O barco estava à deriva, depois de ter participado de uma regata entre Recife e Fernando de Noronha. O proprietário, um senhor de mais de 70 anos natural de Maceió, disse que queria vendê-lo. Nelson e Lúcia definiram que seriam os compradores.

“Quando entrei no barco, todo revirado, de sujeira, de motor, de tudo, eu disse: é esse aqui.



Atracado em frente a um cartão postal de Salvador

Gostei do nome do barco também”, relembra Lúcia. Foi aí que os dois conheceram o Avoante. Um veleiro de 30 pés, bem maior do que o que possuíam, capaz de abrigá-los mais adequadamente para longas viagens. Demorou um ano para consertar os defeitos

causados pelo mar e o barco ficou pronto. As viagens se seguiram, mas com menor frequência. O barco maior dependia de maré, trator, mais gente para entrar na água. A logística exigia mais que o Laura Cristina, que a essa altura já havia sido vendido pelo casal.

Em 2004, Nelson e Lúcia chegaram a pensar em vender o Avoante. Naquele ano, só velejaram uma vez, quando fizeram a regata de Fernando de Noronha. Portanto, não havia lógica em manter a estrutura do barco sem utilizá-la com frequência.

Nesse tempo, Lúcia, que antes não queria pensar em embarcar, já sugeria ao marido que os dois fossem morar dentro do Avoante. Sugestão que Nelson, a priori, descartava. Mal sabiam os dois que seus próximos anos seriam dentro do mar.

A sedução da Baía de Camamu

Ainda em 2004, Nelson e Lúcia tiveram um mês de dezembro atribulado. Envolvidos com os negócios alimentícios que mantinham juntos na família, não poderia ser diferente. No final do ano as comemorações são muitas e as padarias e o mercadinho também produziam bastante.

O casal foi convidado por amigos que conheceram na vida náutica para passar as festividades natalinas na Baía de Camamu, que fica na Costa do Dendê, na Bahia. Conhecer Camamu, a terceira maior baía do Brasil, e o município de Camamu era um sonho dos dois. O lugar é bastante conhecido entre os navegadores.

No Natal não tiveram como, por conta das demandas

das empresas, entretanto saíram em direção a Camamu no dia 1o de janeiro de 2005. Não foram de barco, pois demoraria pelo menos cinco dias para chegar. Foram de carro. Dentro da baía, os amigos os aguardavam na Ilha de Campina, para onde Nelson e Lúcia seguiram de lancha. “Um lugar paradisíaco”, enfatizam.

Mas eles não sabiam o real motivo do convite que os levara até lá. Em tom de brincadeira, quando falava com os amigos ao telefone, Nelson pediu para que lhe arrumassem um negócio na Baía de Camamu, que largaria tudo em Natal para se mudar para lá.

O pedido foi acatado. Na Ilha de Campina os dois desembarcaram no Sítio Sabiá, onde

funcionava uma pousada, na casa do proprietário. O dono do espaço também preparou um apoio náutico para velejadores, que ficaria sob responsabilidade de sua filha. Mas ela não quis tocar o empreendimento, que estava parado por esse motivo. “Ele queria um sócio para administrar esse apoio náutico. Uma sociedade capital-trabalho”, recorda Nelson.

O proprietário ia colocar o dinheiro e o tal sócio entraria com o trabalho. Estava feita a proposta. E precisava ser logo. Janeiro e a alta estação do verão renderiam bons frutos. No dia 6, Nelson e Lúcia retornaram a Natal, porém o dono do Sítio Sabiá lhes deu 15 dias para voltarem e começarem a trabalhar. Assim foi feito.



Com nativas da Ilha de Campinho



Igejinha da ilha Maria Guarda

Reviravolta

O casal voltou para o Rio Grande do Norte com a certeza de que aceitaria a proposta. “Foram 10 dias para resolver a vida”, afirma Nelson Mattos. Os dois cancelaram cartões, desmontaram o apartamento em que viviam na zona Sul de Natal, doaram os móveis aos amigos.

A padaria já havia sido vendida há algum tempo. Então não foi problema. As mercadorias do mercadinho foram comercializadas entre amigos também, para que Nelson pudesse pagar

aos funcionários. A empresa seria fechada. “Minha mãe até hoje diz que eu sou maluco. ‘Você era um homem que andava de paletó, arrumado, chique. Hoje você anda assim, de bermuda, sandália japonesa, barbudo’. Mas a gente descobriu outra vida”, relata.

No dia 19 de janeiro, Lúcia estava embarcando para Salvador, de onde partiria para Camamu. No dia 21, Nelson saiu da capital potiguar velejando no Avoante, com destino à Ilha de Campina.

Passaram a morar no local e trabalhar no apoio náutico, mas ainda não era o bastante. “Por lá a gente morava numa casa. Eu não queria morar numa casa, eu queria morar no mar”, afirma Nelson. Foram seis meses atracados na ilha. Dali em diante a sua residência seria o Avoante, a maior experiência náutica já enfrentada pelo casal seria viver, de fato, no barco. A vontade era acompanhada de vivenciar algo parecido com a família Schurmann, o sonho de dar a volta ao mundo.

Diário do Avoante

Fernando de Noronha, Natal, Maceió, Recife, João Pessoa Salvador. Essas e tantas outras cidades passaram a ser as casas do casal Mattos. Sempre dentro do Avoante, iniciaram a aventura de não se fixar mais em terra firme. Foram muitas viagens, eles contam, entre várias praias do litoral brasileiro.

“Aquela história da volta ao mundo foi mudando. Foi mudando, porque, na verdade, o que a gente queria não era a volta ao mundo. O que a gente queria era aquela vida, uma vida completamente diferente de uma vida em terra”, acrescenta Nelson.

Dali eles também tiraram a nova fonte de renda: começaram a dar curso de vela, fazer charter (aluguel de barcos) e também delivery de embarcações. Levaram barcos de um lugar para outro a pedido de compradores, que os pagavam pelo serviço.

Lúcia recorda que em uma dessas viagens, conduzindo um catamarã de João Pessoa para Fortaleza, o casal se deparou com um mar revoltoso. Foi em 2013. “As ondas lavavam o barco por cima, passavam por cima”, relembra.

Em outra ocasião, saindo de Salvador para Maceió, depararam-se com um trajeto dos mais difíceis nos mais de 11 anos de mar. “Muita chuva. Teve uma hora que deita-



“odo mundo deveria passar pelo menos seis meses ou um ano morando num veleiro. Você passa a dar valor a outras coisas. Não fica com questão de disputa, de vaidade. Não fica comprando coisa, consumindo, até porque não cabe no barco.”

Nelson Mattos, empresário

mos um por cima do outro, para esquentar. Não tinha mais roupa pra trocar”, relata Lúcia. Nada que os afastasse do oceano.

Ela e Nelson tiveram que se adaptar. Abraçar o mar como morada implicou em aprender a conviver com o essencial, dar valor a questões mais simples do cotidiano. Foi aí que dizem ter encontrado a felicidade.

“Todo mundo deveria passar pelo menos seis meses ou um ano morando num veleiro. Você passa a dar valor a outras coisas. Não fica com questão de disputa, de vaidade. Não fica comprando coisa, consumindo, até porque não cabe no barco”.

Carregando poucos pares de roupa, cozinhando o que compravam a cada parada, ou levando para as viagens, os dois viraram nômades marítimos. Nem ge-

ladeira tinham. Nelson diz que, quando precisavam conservar alimento para trechos mais longos, o faziam em caixas térmicas com gelo. De acordo com ele, é possível viver dessa maneira gastando, em média, R\$ 800. Ao abraçarem o mar como casa, abraçaram também a simplicidade.

“Vou comprar uma camisa... aí pensa: ‘vou comprar mais uma’. Bem, você está precisando dessa camisa? Você não pode ter muitas coisas. O uniforme de barco é uma sandália de dedo, um tênis para, se precisar, usar um dia, numa festa em terra, uma calça jeans, uma camisa. O resto é bermuda e calção de banho. Seus valores mudam”, conta o velejador.

Desde setembro de 2016, Lúcia e Nelson voltaram a estabelecer morada em terra. Complicações de saúde e mesmo o cansaço fizeram com que regressassem. Moram na praia, em Exu Queimado, litoral norte potiguar. Eles ainda estão decidindo o que vão fazer de agora em diante. Entretanto, uma coisa já sabem: viverão por aqui que nem viviam mar adentro.

“A experiência no mar foi uma coisa sem par. Não existe uma vida assim em terra, nada que se compare. Voltamos para terra, mas continuamos a levar a vida que aprendemos no mar. O mundo precisa velejar”, comemora Nelson.



Pier do Daniel



Crianças de Engenho Novo



São Francisco do Paraguaçu

Fera à solta

Unida à Land Rover e sob o comando do grupo indiano Tata Motors, a Jaguar, tradicional fabricante inglesa, estreia em alto nível no efervescente mercado dos SUVs esportivos

Por **Cícero Oliveira**

Fotos: Divulgação e Cícero Oliveira



FALAR SOBRE VEÍCULOS DO tipo SUV, os *Sport Utility Vehicle*, há pouco mais de uma década significava falar de carros com apelo familiar, que tentavam combinar conforto, espaço e versatilidade de uso. Porém, na maioria das vezes, atrelado a essas qualidades, o cliente ganhava de brinde um desempenho sofrível, alto consumo de combustível e uma estabilidade digna de uma Kombi.

Esse nicho de mercado evoluiu rapidamente. Na atualidade, desde as montadoras de carros mais populares até os fabricantes de automóveis de alto luxo, praticamente todos possuem representantes nessa categoria. Partiram na frente com os SUVs luxuosos e de alta performance a Audi, BMW, Mercedes e Porsche, mas, pouco tempo depois, até mesmo as marcas mais conservadoras, como a Jaguar, Lamborghini e Maserati, também estão se lançando nesse segmento em franca ascensão.

O SUV F-Pace, representante da marca inglesa Jaguar, surgiu em 2016 com uma proposta ousada: oferecer um veículo que conjugasse a mesma esportividade dos modelos da Porsche e a elegância de um Mercedes, unido em um só produto qualidades destacadas nos concorrentes líderes do mercado.

Mais que um rostinho bonito

O Jaguar F-Pace mostra-se um modelo realmente ousado, que não se contentou somente com luxo e esportividade. Testamos a versão Prestige 2.0 e pudemos constatar que é um carro bastante moderno, que além da elegância e esportividade, também é muito seguro, econômico e com baixos níveis de emissão de poluentes.

A segurança se deve a diversos itens, que vão desde o conjunto completo de airbags a um moderno sistema de suspensão e tração integral, que transmitem confiança ao motorista, mesmo em velocidades mais altas ou em pisos escorregadios, sem abrir mão do conforto.

Merece destaque no quesito economia o moderno motor turbo diesel 2.0 de 180 CV (na versão Prestige), que é totalmente fabricado em alumínio. Juntamente com o câmbio automático de oito marchas e a carroceria confeccionada com 80% de alumínio, conferem a essa versão um consumo semelhante a um sedã médio com motor 1.6 ou 1.8.

Em relação aos níveis de emissão, vale lembrar que o F-Pace foi projetado para atender às rígidas exigências do mercado europeu e em nada se assemelha aos nossos antigos e fumarentos veículos movidos a diesel. Para se ter ideia desse cuidado com o meio ambiente, o fabricante já dotou esse modelo com o sistema *Stop/Start*, que desliga automaticamente o motor quando o carro para em um semáforo, e religa-o quando o motorista solta o pedal do freio e pisa novamente o acelerador.





Por fim, vale a pena lembrar os mimos que o F-Pace oferece: o coração da fera pulsando no botão de partida, implorando para ser despertado; a chave-pulseira, que você pode levar até para pegar uma onda; o botão seletor do câmbio, que lhe faz esquecer a velha alavanca; o teto solar panorâmico, que faz ver estrelas e o revestimento interno primoroso em couro, que parece um abraço carinhoso.



A chave que também é uma pulseira

Um felino em pele de cordeiro

Em relação ao desempenho, é assim que esse Jaguar se apresenta, apesar de ser um carro com proposta de versatilidade, ele não abre mão do bom desempenho. A versão testada

por nós, mesmo sendo apenas a 2.0 turbo diesel, está longe de ser mansa. Não se iluda com a resposta lenta do motor nas baixas rotações, pise fundo e faça-o passar rapidamente das 2500

RPM e você verá um gatinho se transformar em uma verdadeira fera. Se mesmo assim não estiver satisfeito, então opte pelas versões R-Sport ou S, são 340 ou 380 CV, respectivamente.



A close-up photograph of a person's hands, likely a healthcare professional, holding a bright red, glossy heart-shaped object. The hands are positioned in the center of the frame, with the fingers gently cupping the heart. The background is a blurred white, suggesting a clinical or hospital setting. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the smooth surface of the heart.

Doar órgãos é preciso

Campanha da Assembleia Legislativa do RN é lançada para desmitificar o tema e esclarecer à população sobre a importância de se declarar doador. Pesquisa aponta que 52% dos potiguares rejeitam a ideia de doação

Por Anna Karla Fontes

Fotos: João Gilberto

UMA CONTA QUE NÃO fecha, uma fila que anda lentamente e que, em nome da continuidade da vida, precisa apressar o passo: o número de doadores de órgãos no Rio Grande do Norte e no Brasil é desproporcional à quantidade de pessoas que aguardam por gestos de solidariedade e de amor. Nesse descompasso em que a vida não pode esperar, no qual minutos e segundos são preciosos, a recusa familiar continua sendo ainda o principal obstáculo para que a esperança se renove no cotidiano de milhares de pessoas.

No RN, onde quase 300 pacientes estão na lista ativa de espera, essa recusa é maior do que no restante do País: 52% rejeitam a ideia, quando a média nacional é de 43%. A falta de informações sobre o assunto e também o desconhecimento em vida do desejo de doar seus órgãos, aliados a fatores culturais e religiosos, são os principais entraves. É para mudar esta realidade que a Assembleia Legislativa potiguar realiza uma grande campanha institucional, denominada *Doe órgãos. Salve vidas.*

O apelo foi às ruas por meio das mídias tradicionais, digitais, móveis e fixas, como outdoors e back bus (ônibus), esclarecendo o tema e explicando como pode ser feita a doação de órgãos e de medula óssea, em quais situações é indicada e orientando a família com informações que ajudam a desmitificar, como a aparência física após o procedimento e os custos para arcar com a doação, que não existem.

Iniciativa do presidente do Legislativo do RN, deputado Ezequiel Ferreira de Souza (PSDB), o lançamento aconteceu com audiência pública, acompanhada de grande debate que reuniu familiares, entidades médicas, associações de transplantados e as principais instituições estaduais ligadas ao tema. Na sequência, servidores e parlamentares potencializaram o gesto, engajando-se por meio

de mídias sociais digitais para um maior alcance da campanha, que continua sendo replicada.

“Os transplantes de órgãos representam uma grande conquista da ciência médica e certamente são um sinal de esperança para tantas pessoas que se encontram em graves e, por vezes, extremas situações clínicas. Se alargarmos o nosso olhar ao mundo inteiro, é fácil encontrar os numerosos e

complexos casos nos quais, graças à técnica do transplante de órgãos, muitas pessoas superaram fases altamente críticas e lhes foi restituída a alegria de viver. Isso não poderia ser realizado se o compromisso dos médicos e a competência dos pesquisadores não tivessem contado com a generosidade e com o altruísmo de quantos doaram os seus órgãos”, considera Ezequiel Ferreira.



Iniciativa da campanha foi do presidente da ALRN, Ezequiel Ferreira, e começou com audiência pública

Tragédia e vida

Nem todos aqueles que aguardam por um órgão têm a sorte de encontrar pessoas como Félix da Silva, 69 anos, que nem titubeia em afirmar, com a maior convicção e alegria, que é doador. Decisão que tomou em momento de tragédia pessoal, quando um dos filhos assassinou o outro. Emocionado e para uma plateia atenta, ele deu o seu depoimento. “Perdi dois filhos, um para a morte, o outro para a cadeia”. O sofrimento foi amenizado pela possibilidade concreta de que a vida tivesse continuidade por meio dos pacientes que receberam os órgãos do filho morto.

Outro depoimento emocionado e que dá a dimensão da importância do gesto e, principalmente, da corrida contra o tempo foi do jornalista Gustavo Farache, que fez o relato da receptação de um coração pelo seu pai, já falecido. “A questão do tempo é muito importante, cada minuto é precioso, por isso que cada instituição envolvida no processo de transplante precisa fazer a sua parte para que doador e receptor tenham esse suporte tão necessário”.

Atualmente o Rio Grande do Norte realiza transplantes de rins, córnea e medula óssea. Em 2017, de janeiro a abril, foram realizadas 100 doações de órgãos, segundo a Central de Transplantes do RN.



Félix da Silva autorizou a doação de órgãos do filho



O jornalista Gustavo Farache fez relato de situação com seu pai

Da Argentina ao Chile

Série de viagem contínua entre curvas sinuosas e paisagens arrebatadoras da Cordilheira dos Andes

Por Themis Lima

IMAGINEM A IMENSIDÃO EM números: sete mil quilômetros de extensão, alcançando quase sete mil metros de altura, da ponta mais norte da Colômbia ao frio do último pedaço de terra do continente. Imaginem a imensidão surgindo: duas placas cuja grandeza nossa cabeça não consegue computar, duas bandejas que sustentam o chão, chocando-se violentamente - ou abraçando-se efusivamente -, deixando a marca desse encontro cravado em terra. Uma escultura titânica que não nos deixa esquecer o tamanho do mundo e o passo do tempo. Imaginem, por fim, os Andes: uma cadeia de montanhas sustentando um continente como espinha dorsal.

É por ela que a viagem segue: o trajeto suntuoso para o lado de lá da montanha. Apesar de estar mapeada em toda a extensão da América do Sul, os picos mais altos e expressivos da Cordilheira estão no Chile. Ao longo de todo esse pedaço delgado de terra, brindado por montanha e mar, ela se deita, majestosa, enlaçando deserto-a-deserto com a vizinha Argentina.

Os Andes não são uma muralha de terra, como muitos costumam dizer. As montanhas não separam, mas costuram. Abraçam sequidão e neve na mesma conversa, na mesma pintura, e abrem portões e passos. Alguns só podem ser cruzados no verão austral (de dezembro a abril), como o Paso de Agua Negra, por exemplo. Nem todos os trajetos são asfaltados e, às vezes, não possuem boa sinalização, o que transforma caminhos já bastante sinuosos em desafios para qualquer um que decida cruzá-lo de carro.

Nós escolhemos o Paso de Los Libertadores, que conecta Mendoza, nosso ponto de saída na Argentina, e Los Andes, primeira cidade próxima à Cordilheira no Chile. O caminho está a 3.400 metros de altura e é um dos mais populares e seguros das 13 passagens fronteiriças.

Cruzar Los Libertadores é testemunhar a própria pequenez. As curvas sinuosas do famoso Caminho de Caracóis, buscando espaço entre as gigantes de terra, até tentam humanizar a experiência, mas só somam perspectiva à dimensão desproporcional das

montanhas titânicas. É uma passagem de silêncio: qualquer ruído que não pertença às águas, ao vento, às lhamas e aos condores não tem lugar. É uma passagem meditativa: não há outro trabalho para os olhos e mentes que não a mais isenta contemplação.



O passo da história

A zona da passagem Los Libertadores é a área mais ao sul do continente com resquícios de presença inca, na época pré-colombiana. Na verdade, vários povos originários conviveram, ao mesmo tempo e também em diferentes momentos históricos, aos arredores da Cordilheira. Ficam enrustidas na terra as pegadas seculares de tanta sabedoria que ignoramos, deixando o ar do trajeto ainda mais contemplativo.

Seguindo o ritmo da história, os Andes também testemunham outra passagem marcante. Já no começo do século XIX, a figura de San Martin coordena o que a história chama de Cruce de los Andes. Seu intuito era, junto a seu exército de cinco mil homens, atravessar as montanhas para continuar sua missão de libertação dos povos. À época, a região não havia sido demarcada em países e pertencia às Províncias Unidas do

Rio de la Plata. A narrativa oficial da história conta que San Martin, então, começa a cortar laços desses territórios com a coroa espanhola, através de conflitos armados. A lenda diz que, dividindo seu exército em seis para evitar perseguições, ele atravessa o que hoje é o Paso de Los Libertadores montado sobre mula - animais que suportam a altitude e o terreno íngreme,- em direção ao lado de lá das montanhas.



Mochila nas costas e bebê na barriga - parte 03

A barriga, já contando cinco meses, começava a somar peso à bagagem, que também crescia. A Cordilheira trazia os primeiros sinais de que a jornada rumo à casa-ainda-desconhecida estava perto de terminar. Subir bicamas de albergues, caminhar perdidos pelas cidades e contar com o mínimo de conforto já não eram atividades tão fáceis. Nós três,

aventureiros de alma, já ansiávamos a quietude, embalados pelo passo calado e sereno dos Andes.

Passamos pelas montanhas de mãos dadas, atados e em deslumbre. Em breve, cruzaríamos o Atlântico, igualmente calmo e majestoso, e não sabíamos o que esperava a nossa pequena cruzada do lado de lá.

O lado de cá e o lado de lá

A região da Cordilheira dos Andes é um destino turístico bastante procurado, e os centros que estão ao redor de sua imponência terminam por configurar uma espécie de pacote de viagem cujas paisagens denunciam de longe os picos andinos, numa intervenção constante ao céu das cidades.

O lado argentino da viagem é Mendoza, que, por si só, já é um destino popular. A atividade vinícola e azeiteira da região resulta em roteiros turísticos de visita às plantações, degustação de vinhos e outros deleites gastronômicos. A capital da província, também chamada Mendoza, é uma pequena metrópole, funcionando como um polo regional de comércio e cultura. Mas o interior mantém seu cheiro de campo, ar leve e luz terna, e as vastas plantações de vinho colorindo a planície com suas “hojas de parra”.

Um fato interessante para entender a cultura do lugar é que, no final do século XIX e na primeira metade do século XX, a região recebeu a muitos espanhóis (num segundo importante movimento migratório, depois da invasão europeia à América originária). A similaridade do clima, as camadas de montanhas, a vegetação levemente seca salpicada de verde soavam como casa aos imigrantes ibéricos. Por conta desse

casamento entre as duas culturas, vários costumes espanhóis fincaram âncora em terras argentinas, como a alimentação, a agricultura e até a *siesta*: um hábito que

parece inofensivo, mas fecha comércios das 14h às 17h - ou 18h, ou 19h, ou quando o dono quiser reabrir (quanto menor o povoado, maior a flexibilidade no acordo).



O outro lado da estrada dos Andes, Santiago, é uma cidade charmosa, de gente extremamente simpática e amável. Com aproximadamente seis milhões de habitantes, abriga paisagens urbanas e arranha céus dignas de grandes centros, mas sabe conservar sua história e arquitetura, casando muito bem as manchas de concreto com os céus riscados por montanhas.

A capital chilena se transformou também num centro de compras, principalmente para os argentinos que vão em busca de artigos de tecnologia, roupas e tudo que a os postos de imigração permitirem passar. Acontece que, com a crise inflacionária e o período de restrição às importações do governo Kirchner, os preços de quase tudo na Argentina subiram assustadoramente (mesmo que vários itens, principalmente no mercado da moda, tenham valores bem similares aos brasileiros). A saída para seguir consumindo, principalmente para quem vive próximo à fronteira, é conseguir produtos em território vizinho.

Como destinos conjugados ao passeio aparecem as lindas cidades costeiras de Viña del Mar e Valparaíso, ambas a menos de três horas da capital chilena. São lugares pequenos, mas de forte impronta turística, e por isso bastante movimentados no verão.



Como e por quanto cruzar a Cordilheira

Há três formas de fazer a passagem da Argentina ao Chile, ou vice-versa: por avião, por carro e de ônibus. A última alternativa é tida sempre como a mais vantajosa, não só por conta da vista que o trajeto tem, mas também pelo combo preço e segurança. As passagens estão em torno de AR\$1200 (R\$240) e a viagem dura, entre Mendoza e Santiago, aproximadamente sete horas. Esse número depende sempre da movimentação nos controles de passaporte. Em época de alta estação, é possível

esperar várias horas para ter seu passaporte carimbado e, finalmente, cruzar a fronteira.

Por avião, as passagens estão em aproximadamente R\$650, para uma hora de voo. Já de carro, seja alugado ou próprio, o preço não é principal fator de decisão, mas a estrada: ela é sinuosa e requer muita atenção. Antes de aceitar a empreitada, é importante checar os horários em que as fronteiras estão abertas, para não arriscar uma viagem perdida ao meio das montanhas.

Curiosidade: Rancor de guerra

É de fama mundial que os argentinos gostam de rixa: no futebol, contra Brasil e Colômbia; na política, contra Estados Unidos - e muitas vezes, entre eles mesmos. E com os chilenos também existe um resquício de raiva histórica, uma espécie de rancor de guerra. Na época das batalhas pelas Ilhas Malvinas, hoje Falkland Islands, o Chile de Augusto Pinochet serviu de base militar para o exército inimigo,

comandado a ferro por Margaret Thatcher. E o que para o Reino Unido era uma mera movimentação de afirmação política, para a Argentina significou centenas de mortos e milhares de soldados em condições de extrema carência nos campos de batalha. Uma geração completa de famílias nos anos 80 foi marcada pelo conflito, que ainda hoje rende luto à nação e, claro, nada de perdão pelo apoio chileno ao lado inglês.





A estrela sobe

Um conto de fadas potiguar

Por Vânia Marinho
Fotos: Paulo Oliveira

A MENINA QUE TECIA sonhos, costurando lençóis e panos de pratos da mãe, hoje está na ribalta, fazendo e acontecendo no cenário da moda. Estamos falando da empresária e estilista Juraci Lira. Visagista: mulher determinada, criativa, sempre esteve na vanguarda, quebrando barreiras através das atitudes e do fazer diferenciado. Sonhando alto, a estilista

resistiu às turbulências e abrigou-se no seu trabalho que, cada vez melhor, passou a ser reconhecido por um público cada vez maior

Mestre das tesouras, modelagem e agulhas, o trabalho é consumido por uma clientela que até hoje é fiel. Vestidos glamorosos brotam de suas mãos e encantam há cerca de 30 anos



Ganhando o mundo

Engajada nos passos do universo fashion, Juraci Lira valoriza a moda de rua, o apelo sustentável e a parceria com a arte.

Com todo esse talento, ela resolveu ir além e logo ganhou o Hemisfério Norte. Passou a frequentar desfiles em Milão, na Itália. Com loja própria em Natal, é possível ver nas araras também as roupas mais elaboradas, todas dentro de uma leitura autoral, com referências do que se faz fora e dentro do país. Realizada, a estilista que desde criança tecia sonhos e tecidos diz que só tem a agradecer.



O reconhecimento dos trinta anos foi coroado com um desfile na capital potiguar e contou com a presença de fotógrafos da Vogue Italy. Palmas para ela.



Vantagens de ter uma CIE 2017:



- ✓ **A única com base na legislação federal**
- ✓ **Meia-entrada garantida por lei, nacionalmente**
Lei 12.933/2013 | Decreto 8.537/2015
- ✓ **Meia-passagem**
Transporte Municipal
- ✓ **Segurança física e digital**
- ✓ **Descontos especiais em:**
Saúde, Educação, Alimentação, Lazer, Academias e Variedades

Lembrando que a sua situação deve estar regular em 2017, na instituição de ensino, para poder realizar a solicitação.



Faça já a sua. Acesse:
www.portaldouestudentenatal.com.br

(84)3216 - 8482 NatalCard @natalcard

VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com



HORA CERTA

Uma boa dica para homens elegantes: a Ômega lança novo relógio inspirado em James Bond. O Comander Watch limited edition foi apresentado pelo presidente da marca, ao lado do produtor do filme Bond, Michael G. Wilson. O Comanders traz as cores vermelha, branca e azul da bandeira da Marinha real britânica, e também as insígnias navais do Comandante. No relógio, safira, ouro amarelo e muito mais. Puro luxo.



SPIDER MAN

Calvin Klein veste a atriz Laura Harrier para a premiere de Homem-Aranha: de volta ao lar. Poderosa em um vestido prata, a atriz "causou".



Unhas afiadadas

A marca Nati desenhou a Olho vivo, uma coleção que tem como temática o feeling femininino super aguçado, ligadíssima em todos os movimentos fashionistas, baseada nas trends internacionais e no desejo das consumidoras. A aposta está nas cores bem variadas para as unhas. Os vermelhos e roxos vivos e brilhantes dividem espaço com tonalidades neutras e ganham destaque criando efeitos incríveis e especiais.



SO PARA ELES

Ótima sugestão para presente diferente no dia dos pais. Nada de camisa, meia ou sapato. O pai vai adorar ficar cheiroso. A nossa dica é o: Kenzo Homme. É contemporâneo, com um toque divertido em um frasco degradê, com vidro transparente que encontra o céu ou o oceano (ou os dois). Intenso, profundo, sofisticado: a lenda continua... O homem Kenzo está meditando em frente ao oceano infinito, e sua jornada vai muito além. Com notas marinhas, menta, vetiver e cedro, a fusão entre o marinho e o amadeirado marca toda jornada.



Viva tudo isso

VIVA NATAL



Viva onde as praias de águas mornas beijam o litoral.
 Viva o pôr do sol no Parque da Cidade e o ar puro no Parque das Dunas. Viva onde o Brasil inteiro tira férias e a brisa agradável leva simpatia de um povo que quer paz.
 Viva tudo isso. Viva Natal.



Instagram: [vivanatal](#) Facebook: [vivanatal](#)

Toque de veludo

Tecido nobre é a opção tendência nas mostras e pode transformar ambientações



Wellington Fernandes
Arquiteto
Email: wfarquitetura@yahoo.com.br



PARA PROJETOS DE AMBIENTAÇÃO, itens de extrema importância e que merecem destaque são forrações, tecidos, tapetes, cortinas. Em 2017, um tecido considerado tendência nacional é o veludo.

Arquitetos e decoradores optaram por ele nas mostras da área, quando são lançadas novas ideias e materiais. Ele pode ser usado em ambientes variados: estar, jantar, hall, quarto, restaurantes. Nas residências e locais de trabalhos, aparece com força e muito estilo, de preferência com aparência lisa.

Por ser uma trama bem particular, é um material difícil. O veludo tem características que precisam de atenção. Por isso é necessário bom planejamento e orientação profissional. É um tecido quente e usá-lo em locais de clima tropical pode ser um erro, porém, há alternativas.

Se aplicado em muitas peças em um mesmo ambiente, pode parecer cenário de drama de época. Com cores quentes e dependendo dos móveis e da iluminação pode assumir características de bordel, ambiente nos quais costumavam abusar do material. Portanto, bastante atenção ao resolver forrar muitas peças. Para não errar, use com cautela ou talvez em apenas um item da decoração: o sofá, uma poltrona.

Usado também em cortinas, o cuidado deve ser maior. Se o painel for extenso, o local vai parecer um teatro. Nesse caso, a solução seria uma combinação do veludo com outro tecido e a opção da moda entraria apenas como detalhe. Mas se a proposta for uma cortina quase cênica, ele é o tecido ideal.

Tecido clássico, luxuoso, tradicionalmente feito com fios de seda, muito macio, pode também ser confeccionado com outros fios. O veludo chama atenção por onde passa. Em uma roupa, por exemplo, e se o caso for uma sala, as atenções vão para a peça que estiver com ele.



Em linhas gerais, a preferência é por sofá em uma sala revestido com veludo. Compõe muito bem. Se for poltrona, abuse da cor. Se for a cortina, tenha cuidado. Veludo na cabeceira da cama valoriza o quarto. Em restaurante, não use todas as cadeiras. Crie um ambiente de estar, espera ou hall e use uma peça.

Combinado com várias outras texturas, como madeira e couro, perfeito e sofisticado. Um luxo. Em algumas situações, pode assumir a aparência de modernidade, mas em geral passa algo de retrô.



A bela residência de Mônica e João Cruz, no Lago Sul brasileiro, foi palco de dupla comemoração: a entrega do Título de Mulher Destaque 2017 e a comemoração do aniversário da chiquima Rita Márcia Machado. Ocasão como grifo do Instituto de Cultura Brasileira, através da presidente Marisa Macedo, com presença em torno de 100 participantes.



Heloísa Hargreaves, Maria José Santana e Kátia Kouzak



A aniversariante Rita Márcia Machado



Carmen Minuzzi, Marisa Macedo e Mônica Cruz



Clotilde Chaparro e Irene Maia



Sílvia Ribeiro, Amador Outorelo e Carmen Bocorny



Lúcia Itapary e Zely Ornellas



Auridéa Torres e Amarilis Prado



Aurinete Leite, Maria Reis e Marli Vianna

“O FOCO AGORA É CUIDAR BEM MELHOR DO PARNAMIRINENSE.”

Júlia Ferreira - Diretora Geral / Maternidade Divino Amor

Pensando em aperfeiçoar os serviços para a população de Parnamirim, a Prefeitura está realizando treinamentos de qualificação dos servidores. São oficinas de capacitação para profissionais de saúde e uma série de encontros que avaliam as escolas públicas, enfatizando a melhora do ensino. Um novo tempo com um novo foco: cuidar bem melhor do parnamirinese.



PREFEITURA DE PARNAMIRIM
Cuidando de você.

OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com



Pelo mundo

Os cinco países que mais receberam visitantes potiguares no último ano são, nesta ordem: Estados Unidos, Argentina, Portugal, França e Chile. Já a Colômbia e o Uruguai são os destinos nos quais o número de turistas Made in RN mais cresceu de 2009 para cá. Os dados são do Ministério do Turismo.



Desculturalização

O Teatro Alberto Maranhão completou dois anos de portas fechadas. O "novo" Teatro Sandoval Wanderley não tem data para sair do papel. O acervo da Biblioteca Câmara Cascudo se perde com o atraso das obras. O Museu da Rampa não será entregue, mais uma vez, na data estipulada. Pobre de nós.

Fora de rota

Longe do roteiro gourmet natalense, mas decorado e servindo boa comida como se assim estivesse, a Machado Cafeteria & Buffet vai bem, obrigado. Localizado no bairro das Quintas, o lugar está aberto para almoço e jantar, sob reserva. Nas paredes e recantos, elementos que remetem ao passado e ao regional.



Flerte

O paulista tem uma nova "menina dos olhos": Cunha, a 223 quilômetros da capital. Encravada na Serra do Mar, na divisa com o Rio de Janeiro, o destino romântico é um refúgio para quem busca relaxar, com seus ateliês charmosos, incríveis cachoeiras e um lavandário no padrão francês da Provance.



Por um dia

É cada vez maior o número de imóveis do Rio Grande do Norte no Airbnb, site pelo qual é possível alugar apartamentos ou casas por períodos curtos no mundo inteiro. A lista conta, inclusive, com luxuosas propriedades na Praia da Pipa, com piscinas de borda infinita e outras benesses. Pode-se alugar uma única diária.



Entraves

Por falar em Airbnb, o site queridinho dos turistas que optam pelo aluguel ao invés das estadias tradicionais, tem incomodado a rede hoteleira. Tanto que em lugares como Barcelona está ganhando restrições por pressão dos hotéis. Por enquanto, iglus ou ocas podem ser alugadas. Porém, há dificuldades à vista.

BÃO DEMAIS, SÔ!

Fotos: Paulo Lima/Brasília

O tradicional Arraiá do Dotô, realizado na Associação Médica de Brasília, rendeu mais um sucesso. Com animação até o dia amanhecer, mais duas mil pessoas se jogaram ao som das bandas Só para Xamegar, Henrique e Ruan e Encosta Neu.



Mário e Maria Olímpia Gardino, Rita Márcia e Francisco Machado



Luciano, Solange, Luciana e Bárbara Ferrer e Bruno Ivo



Nabil Haje, Suzie e Paulo Lôbo



Marisa Macedo, João e Mônica Cruz e Carmen Minuzzi



Luiz Fernando e Mônica Martins e Liz Elaine Lôbo



Edna e Itamar Costa



Wajjha Nasser, Tânia e César Barbosa



Luciano e Patrícia Carvalho, Jorge e Viviana Araújo



Valdete e Hebert Drummond

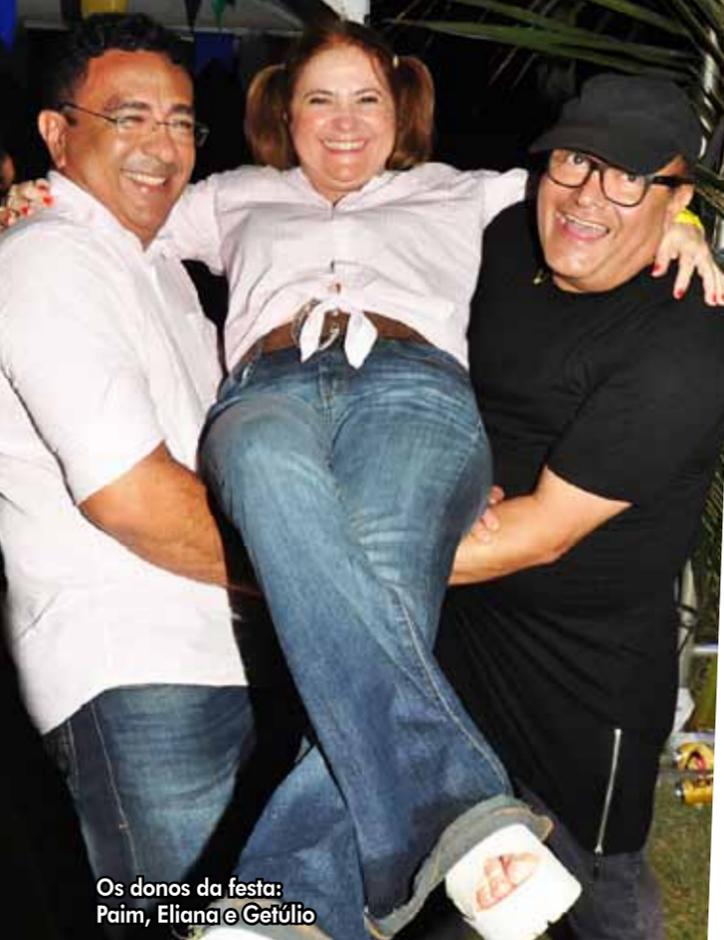


Paulo e Wanzenir Wedler, Cosete e Hassan Gebrim

ARRETADO DE BOM

Fotos: João Neto

Pense numa festa boa? Pensou? Duplique. Triplique. Vá além. Assim foi o São Pedro da Colmeia, que o trio Eliana Lima, Wellington Paim e Getúlio Soares pilotou na Pousada Spa dos Amores/Condomínio Buonganville, na Praia de São José, coladinha em São Miguel do Gostoso. Começou ao pôr-do-sol e foi até a madrugada, ao som de ótimo Rogerinho, o embaixador do Forro, da arretada Banda Rojão, e do DJ mais-mais Luís Couto. Tudo lindo com a estrutura premium da Prátika Locações; som e iluminação da Prática Eventos. Geraldo deu seu show com impecável estrutura de bar. Para saborear, as delícias de Gostoso: caipifrutas da Madame Chita, doces e salgados da Gostoseira; churrasco, sanduíches, caldos e brotinhos da Bambuareca. E todo mundo pede bis! Ano que vem tem mais!!



Os donos da festa:
Paim, Eliana e Getúlio



Prefeito de Gostoso,
Renato Teixeira e a primeira-
dama Geovânia Santana



Ana Elisa de Paula
e Igor Melo



Onofre Neto no selfie com Cris e Pepeta,
Rayana França, Helen Sanches e Ricardo Pereira,
que vieram de Floripa



Os anfitriões do Condomínio Buonganville,
Michelye Breno Tinoco com Rosana Carneiro (Madame Chita),
Eliana, Paim e Marcela Carvalho



Adriane e Weber Oliveira



Flávia Santa Rosa e
Jefferson Barbalho



Daniela Diniz e Roberto Chaves



Mônica e Assis Rêgo



Gislene e Diógenes Cunha



Ludmilla e Filipe Abott Galvão



Cyndra e Joacir Potiguar



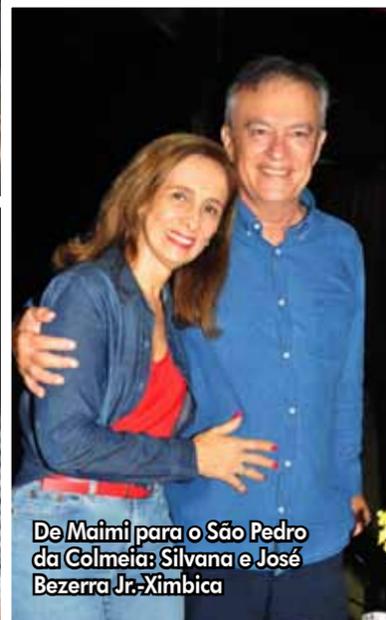
Jurema Marinho, Regina Pinto e Luiz Antônio Felipe



Os amigos Auxiliadora
Alcântara e Onofre Neto



Ana Tereza e Eider Lima



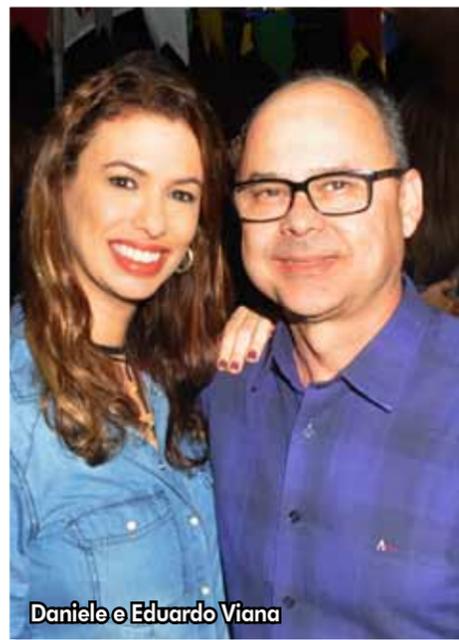
De Maimi para o São Pedro
da Colmeia: Silvana e José
Bezerra Jr.-Ximbica



Ileana Neiva e Xisto Thiago



Onofre Neto, Simone Silva,
Jarbas Bezerra, Anderson Almeida



Daniele e Eduardo Viana



Turma boa: Flávia e Jefferson Barbalho, Maria Carmem e
Leo Almeida, Yasha e Ivanóide, Cyndra e Joacir



Eliana Sampaio e
Wilson Cardoso



As amigas Polliana Sampaio e
Gracinha Vilar



Teresa e José Ivo



Adriana Galvão e
Sílvio Santiago



Jurema Cansação, Bebeio Torres, Rose Varella



Lucas Monteiro, Isadora Andrade,
Eliana Lima, Duda Lima, Duda Lyra



Etiene Lima e Gê Salustino, Maria Lima,
Anna Tereza e Eider Lima



Jarbas Bezerra e o casal Lígia Limeira e
João Bezerra Júnior



O casal Ana Amélia e Roberto Pacheco,
mais a irmã Maria José Pacheco



Michely Nóbrega recebe Eliana Lima
e Wellington Paim



Juninho entrevista Miguel Tinoco para o
programa Batendo Perna, observados por
Marcelo Tinoco, Yasmin, Carol e Renata



Anna Ruth Dantas e
Marcos Lima



Karen Paiva, Etiene Lima e Tiana Costa



Yasha Barros e Ivanóide Maia
com o herdeiro Bernardo



Ustana Góis e Cláudio Bezerra



Banda Rojão: Carlos Peru e Ciro Pedroza



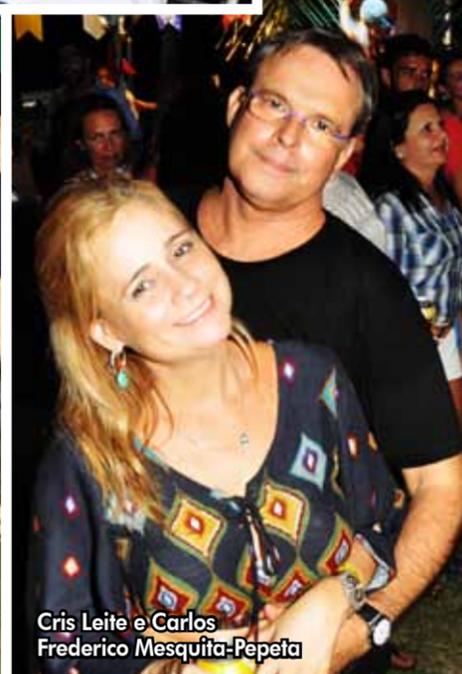
Rojão: Thiago Araújo e Diogo Guanabara



Os cariocas lindos, do Beach Tennis:
Ana Renata e Tiago Martins



As amigas Tiana Costa e Rose Cestari



Cris Leite e Carlos
Frederico Mesquita-Pepeta



Tânia Patrícia e
Anchieta Júnior



agenciaMARCA.com.br

DA TRADIÇÃO À INOVAÇÃO.

Com uma nova identidade visual e um site repleto de conteúdo para proporcionar vantagens exclusivas, a **PREFEITURA DE SÃO GONÇALO DO AMARANTE** está sempre em busca das novidades para todos os são-gonçalenses presenciarem um novo mundo com o que há de mais moderno para o desenvolvimento: a **inovação**.



CIBELE BENEVIDES GUEDES DA FONSECA
Procuradora da República em Natal/RN
Mestre em Direito pela Universidade Católica de Brasília



Jovinho

SOBRE COLABORAÇÃO PREMIADA

A colaboração premiada é uma técnica especial de investigação que estimula o rompimento do silêncio por parte de um criminoso mediante o benefício, em regra, de redução de sua pena. Não é uma invenção brasileira: é um moderno meio de prova recomendado por organismos internacionais (ONU e GAFI/TAFT*) e é prevista em tratados internacionais como a Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Transnacional Organizada (Convenção de Palermo) e a Convenção das Nações Unidas contra a Corrupção (Convenção de Mérida).

Os países democráticos adotam colaboração premiada em suas leis. É o caso, por exemplo, dos Estados Unidos da América, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Colômbia e Itália. Chegou-se, afinal, ao consenso no ambiente internacional de que, em casos de crimes praticados por organizações criminosas e entidades do tipo mafioso, a lei do silêncio (*omertà*) é a garantia de sua impunidade, de sorte que o desbaratamento só é possível se alguém “de dentro” falar. É razoável, portanto, que os ordenamentos jurídicos prevejam incentivos legais aos réus membros de organizações criminosas que se disponham a colaborar com as autoridades de seu país. O Brasil não poderia, como signatário das Convenções de Palermo e de Mérida, destoar dessa tendência.

Aqui, institutos de natureza premial foram utilizados desde o período colonial. Todavia, a colaboração premiada de que ora se trata somente se faz possível em um regime democrático, em que há mecanismos eficientes de controle judicial, e sob ótica pode-se afirmar que é instituto relativamente recente no Brasil, consolidado agora por meio da nova lei de combate às organizações criminosas: a lei nº 12.850/2013. A partir desse novo re-

gramento houve uma mudança da nomenclatura, substituindo-se o termo *delação premiada*, por vezes utilizado de forma preconceituosa para ressaltar um suposto caráter de traição e deslealdade por parte do *delator*, para se falar em *colaboração premiada*, com a intenção de enfatizar o aspecto positivo consistente no fato de um criminoso demonstrar (de forma objetiva) arrependimento e vontade de colaborar com as autoridades de seu país.

Já se ouviu dizer que o acordo de colaboração premiada só ocorre porque o Estado-Juiz determina a prisão preventiva de réus que, se estivessem soltos, não se sentiriam forçados a cooperar. Os dados concretos das Operações Lava Jato e Mãos Limpas não confirmam essa afirmação: os números retratam que a maioria dos réus colaboradores, em ambas as operações, estava solta quando decidiu colaborar. Na Lava Jato, por exemplo, 85,35% dos réus colaboradores firmaram o acordo soltos e apenas 14,65% estavam presos quando decidiram cooperar. Destes, apenas 4,51% ganharam a liberdade após a homologação do acordo.

Isto quer dizer que, mesmo nunca tendo sido preso, a depender da qualidade e quantidade de provas existentes, o investigado poderá se interessar em também colaborar com a Justiça. Tudo aponta no sentido de que menos o medo da prisão preventiva e mais o receio de ser efetivamente condenado por um sistema judiciário ágil, célere e independente constitui um incentivo positivo à decisão de colaborar. Afinal, se há dados concretos de réus soltos que decidiram cooperar, algo além da prisão preventiva, certamente, deve servir de estímulo a essa decisão. E esse “algo” parece ser a crença generalizada de que o peso da lei se aplica a todos.

* Cibele Benevides Guedes da Fonseca. Procuradora da República em Natal/RN. Mestre em Direito pela Universidade Católica de Brasília. Autora do livro “Colaboração Premiada”, lançado em 2017 pela Editora Del Rey.

** Grupo de Ação Financeira contra Lavagem de Dinheiro e o Financiamento do Terrorismo.

NINGUÉM MERECE OUVIR NOTÍCIA CHATA NA VOLTA PARA CASA.

Mude de companhia no começo da noite.

Esqueça o trânsito parado

e os problemas do dia-a-dia

sem deixar de saber o que é notícia.

Você tem o direito.

Ninguém precisa ser chato

para lhe contar o que está

acontecendo.



ELIANA LIMA

CIRO PEDROZA

**BATE PAPO
NA CIDADE**

Segunda a sexta

18h

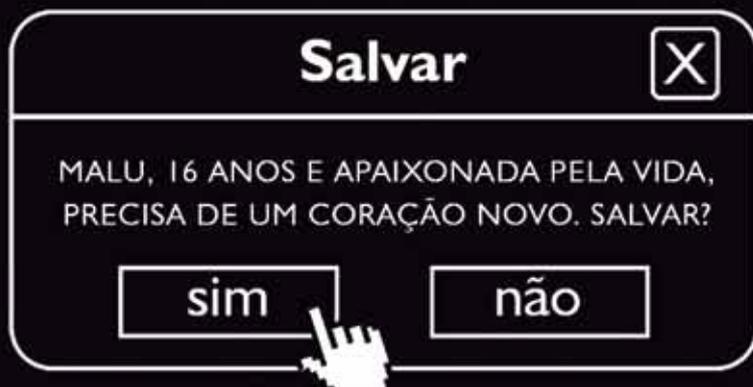
R Á D I O
CIDADE
94FM

Notícia com inteligência, interatividade, bom humor e sem chatice.

Participe: 9 8181 9720 #batepaponacidade



**DOE ÓRGÃOS
SALVE VIDAS**



Doe órgãos. Assembleia e você, juntos pela vida.



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa



CENTRAL DE
TRANSPLANTES
DO RN